



PENSE GRANDE
UMA COLUNA SOBRE PEQUENOS E MÉDIOS EMPREENDEDORES



LAVANDERIA SELF-SERVICE
A OMO Lavanderia, que já tem 40 lojas no país, está lançando o formato de franquia self-service. Custa a partir de R\$ 148 mil, com três conjuntos de lavadora e secadora. A primeira unidade do novo modelo acaba de abrir em Copacabana.

Inovação financeira

O Santander e o Santander Universidades lançam o Radar Empreenda, polo para empreendedores em diferentes estágios de negócio. O programa digital tem apoio de espaço físico no Lab 033, laboratório de inovação da instituição, em São Paulo. O foco está em soluções para desafios do banco. É projeto de R\$ 1,3 milhão, com duas iniciativas. Uma para universitários e empresas iniciais tirarem projetos do papel, com bolsas de estudos de R\$ 2 mil por seis meses. Outra para start-ups e escale-ups que criem soluções junto com o Santander. Ambas têm parceria com a The Bakery, de inovação corporativa.

Huawei em Niterói

A chinesa Huawei inaugura um laboratório de fibra óptica no Rio. Ficará no Polo da Unisum, em Niterói. É uma parceria com o Polo de Inovação e a Associação Comercial do Estado. Esse será o primeiro dos 12 espaços que a empresa planeja instalar em 2021 no país. A meta é desenvolver mão de obra qualificada de olho no potencial do 5G.

Ambev investe em hub...

A Z-Tech, hub de tecnologia e inovação da Ambev para pequenos e médios negócios ligados ao varejo, atendeu a 500 start-ups e empreendedores em dois anos. Nesse período, o programa prestou consultoria, gerou negócios e acelerou quatro iniciativas, como a de uma start-up que ajuda bares e restaurantes a usarem energia de fontes limpas. A meta é continuar nesse mesmo ritmo em 2021.

...e foca em sustentabilidade

A fabricante de bebidas anuncia nesta sexta-feira a start-up vencedora do programa de aceleração com foco em sustentabilidade. Na atual edição, foram 742 empresas inscritas, entre elas 201 pré-selecionadas.

Rodada em... rede social

As start-ups do Brasil têm um novo lugar para apresentar suas ideias: a rede social. A Angelhouse.audio, plataforma de financiamento, funciona exclusivamente dentro da novíssima Clubhouse. Funciona assim: os candidatos se inscrevem e são convidados a apresentarem suas ideias ao vivo durante o encontro virtual. O projeto foi idealizado por nomes como John Abbott, cofundador da Vamo, fintech de pagamentos para eventos. Nesse primeiro ciclo, que começou em fevereiro, já foram 64 apresentações. O vencedor será anunciado amanhã e o investimento previsto é de US\$ 50 mil.

Glauce Cavalcanti, com Bruno Rosa e Camilla Muniz
E-mail: pme@oglobo.com.br

Feita por e para mulheres, Inciclo decola na pandemia

Obstetriz de formação, Maria Betioli criou a Inciclo em 2010, abrindo o mercado de coletores menstruais — feitos em silicone e reutilizáveis — no Brasil. No ano passado, com a pandemia, as vendas cresceram 156%. A empresa, que tem produtos para saúde íntima da mulher, investiu R\$ 2 milhões na expansão de sua produção, que prevê ampliar entre três e cinco vezes nos próximos três anos.

— Na pandemia, não sabíamos o que viria. Veio o maior estouro da história da empresa. As vendas saltaram e mais do que triplicamos a equipe. Nascemos digitais e antes da Covid tínhamos 80% das vendas via e-commerce. Com as pessoas em casa,

subiu a busca por alternativas para a menstruação — diz ela.

A Inciclo contratou 50 pessoas em 2020, somando 70. A maior parte (80%) é de mulheres, em linha com o propósito de empoderamento feminino.

— Mulheres têm mais dificuldade ao empreender. E a Inciclo ainda tem o desafio de lidar com um assunto que é tabu. Olha para a saúde da mulher e a sustentabilidade, que vêm com mudanças de hábitos. Lançamos seis produtos em 2020. Agora, virão outros. E iniciaremos a internacionalização — conta Mariana.

Para ganhar mercado na América Latina e nos



Estados Unidos, ela aposta na vantagem de atuar em um segmento de baixa concorrência.

As vendas avançaram também com a entrada em um marketplace. A Inciclo está entre os 35% de negócios fundados por mulheres presentes na Amazon Brasil. A gigante lançou uma loja especial pelo Dia da Mulher, só com negócios sob comando delas. E fechou parceria com o Instituto Rede Mulher Empreendedora em que vai destinar um percentual das vendas desses negócios à entidade. Os recursos serão usados para apoiar projetos em empreendedorismo feminino.



Aeroporto de Cabo Frio cresce 30% no segmento de cargas na pandemia

Alta foi impulsionada por demanda de produtos médicos e compensou perdas com redução do movimento de passageiros

Com a suspensão de voos comerciais e a alta na demanda por produtos médicos na pandemia, o Aeroporto Internacional de Cabo Frio, administrado pela Costa do Sol Operadora Aeroportuária, cresceu 30% no segmento de cargas no ano passado ante 2019. Sem aviões de passageiros para transportar mercadorias, empresas passaram a procurar o aeroporto para trazer insumos importados ao país. Em setembro de 2018, a concessionária contratou um voo semanal em avião cargueiro na rota Miami—Cabo Frio. Desde então, obtém receita com

a venda de espaço no voo e a armazenagem de cargas pós-desembarque.

O serviço compensou a perda de 25% no segmento de passageiros e ajudou o aeroporto a fechar 2020 com faturamento 15% superior a 2019.

Se a demanda seguir aquecida, o plano é ter duas frequências semanais para os EUA e criar uma ligação com a Europa. A empresa quer começar a receber mercadorias de e-commerce. Já pediu autorização à Receita Federal e espera começar a operação em dois meses, atraindo voos, sobretudo, da China. Prevê crescer 30% em 2021.

Apoio a ONGs

O Fundo Positivo, entidade que financia ONGs no Brasil, vai repassar cerca de R\$ 1 milhão para 20 delas. É fruto de doação da farmacêutica Gilead. No Rio, uma das beneficiadas é o Grupo Pela Vidda, que apoia pessoas com Aids, e vai capacitar 30 pessoas para ingressarem no mercado de trabalho. Uma das aulas será empreendedorismo, com noções de como abrir um negócio. O Grupo Conexão G de Cidadania, que atende a comunidade da Maré, também receberá parte dos recursos.

Crédito para empreender

A Lendico, fintech de empréstimo pessoal, registrou alta de 58% na demanda por crédito para empreender em fevereiro, na comparação com igual mês de 2020, superando tomada de recursos para pagamento de dívidas. “Com a 2ª onda de Covid, pessoas que perderam seus empregos buscam nova renda”, diz Bruno Borges, diretor executivo de marketing da empresa. O ticket médio é de R\$ 10 mil.

Expansão Sul-Sudeste

No mercado há um ano, a CargOn, start-up de logística de Curitiba, abre neste mês sua primeira sucursal, um escritório em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. A ideia é se aproximar de clientes do Rio para melhorar o serviço. Até maio, haverá filiais em São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Com isso, a equipe de 24 pessoas deve dobrar em 2021, e a receita, saltar de R\$ 400 mil, em 2020, para R\$ 10 milhões, projeta o CEO Denny Mews. A logtech de gestão do frete de cargas tem 20 clientes, como Pif Paf.

Empreender é desafiar o que vier.

Abra sua conta MEI pelo App Bradesco Net Empresa e conte com:

- 120 dias de carência nas linhas de crédito
- Tarifa zero na conta por 12 meses
- Grátis: sistema de gestão
- Emissão de nota fiscal

bradesco
empresas e negócios

empresasnegocios.bradesco
Twitter: @Bradesco Facebook.com/Bradesco
Instagram: @Bradesco youtube.com/Bradesco
LinkedIn: company/bradesco
Central de Relacionamento Cliente Pessoa Jurídica
Capitais e regiões metropolitanas: 3003 1000

Demaís localidades: 0800 202 1000
Acesso do exterior: 55 11 3003 1000
SAC—Alô Bradesco: 0800 704 8363
SAC—Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

De costas para o coronavírus: o difícil trabalho das profissionais do sexo

Universa.uol - Pensadoras - 26/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

Diante de todos os impactos socioeconômicos negativos do novo coronavírus, se faz urgente continuar falando sobre o aumento das desigualdades de gênero.

Passado um ano desde o início da pandemia da covid-19, as mulheres seguem sendo mais afetadas do que os homens nesta crise sanitária sem precedentes. Elas estão na linha de frente — representam cerca de 70% das equipes de trabalho em saúde — e não raro enfrentam dupla jornada como prestadoras de cuidados, incluindo o trabalho doméstico e de cuidado com crianças e pessoas idosas.

O "Relatório Especial Covid-19", publicado Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) em fevereiro, mostra o impacto da pandemia sobre a vida das mulheres da região, seja pela sobrecarga de trabalho não remunerado, pela violência doméstica e/ou pela precarização do trabalho, com perda de empregos e renda.

Se nada for feito pelos governos, teremos 23 milhões a mais de mulheres vivendo em situação de pobreza do que tínhamos em 2019 e este é o caso do Brasil, onde o governo federal se mostra avesso a realmente cuidar das pessoas, se opõe às medidas científicas e dificulta ainda mais a saída das inúmeras crises que o país enfrenta.

No nosso país, tão desigual, o aumento da pobreza entre as mulheres aprofunda a emergência sanitária e tem deixado o Brasil cada vez mais distante de alcançar o Objetivo 5 da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que prevê a igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas.

E, se para as mulheres em geral a situação já está insustentável, para as trabalhadoras do sexo é dramática, como mostra a reportagem de Universa em que prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia, tornando urgente garantir o respeito, a proteção e o cumprimento dos direitos humanos das profissionais do sexo, historicamente marginalizadas e sem proteção social.

Uma declaração conjunta emitida pela Rede Global de Projetos de Trabalho Sexual (NSWP) e o Unids (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids) afirma que, em consequência da pandemia, essas mulheres "estão passando por dificuldades, uma perda total de renda e maior discriminação e assédio" e é isso que vem sendo denunciado incansavelmente pela RedTraSex, rede de trabalhadoras sexuais da América Latina.

Uma das maiores lideranças da região latino americana, Elena Eva Reynaga, tem feito reuniões com todos os governos e sido categórica: as trabalhadoras do sexo encontram-se numa enorme desigualdade no acesso aos direitos, situação acirrada pela covid-19. Segundo ela, não haverá resposta à pandemia sem avançarmos na desconstrução dos estigmas e na eliminação de todas as formas de discriminação contra todas as pessoas.

Uma resposta adequada à covid-19 precisa considerar todas essas especificidades. Organizações como a Antralsex (Articulação Nacional de Profissionais do Sexo), CUTs (Central Única de Trabalhadoras do Sexo) e RBP (Rede Brasileira de Prostitutas) documentaram problemas como o fechamento de locais de trabalho, queda no número de clientes nos espaços de sociabilidade, condições laborais que não garantem a completa segurança contra o coronavírus e o aumento da violência de gênero e de feminicídios.

Como já mostrado na matéria de Universa, em um momento como esse, ações efetivas de apoio como a do **Fundo Positivo** podem fazer a diferença entre a vida e a morte para essas mulheres que, além de lidarem com a covid-19 vivem num país que não lhe garante direitos e enfrentam a redução da clientela e da renda. Aquelas que, sem alternativa, continuam se arriscando nas ruas, e precisam adotar protocolos de segurança para o trabalho, como o uso de máscara, a proibição do beijo em clientes e ficar de costas durante a relação sexual.

"Sexo de costas é melhor do que nada", argumentam. Não poderia ser diferente, afinal, a fome não espera. E, diante de tantas violações de direitos se torna inevitável uma pergunta: como podem os governos e a sociedade falarem em alcançar a igualdade de gênero até 2030 se as profissionais do sexo estão sendo deixadas para trás?

*Cofundadora e coordenadora geral da Gestos - Soropositividade, Comunicação e Gênero e cofacilitadora do GT Agenda 2030. É jornalista com especialização em saúde e pós-graduação em diplomacia e negócios internacionais.



Luza Silva, 49, é trabalhadora sexual desde os 16 (Foto: Imagem: Arquivo pessoal)

Entidades recebem apoio para despesas com manutenção

Valor Econômico - Empresas - 12/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

Valor Econômico - Empresas - 12/03/2021

O Fundo Positivo vai repassar cerca de R\$ 1 milhão para 20 organizações não governamentais em março. O apoio financeiro emergencial pretende ajudar as entidades filantrópicas a manter em dia folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, neste período de pandemia.

Neste ano, a preocupação com o impacto da covid-19 para projetos voltados a HIV/aids, LGBT, mulheres, movimentos negros e população trans - foco das atividades do Fundo - se acentuou. A falta de recursos coloca em risco as próprias organizações que desenvolvem os programas.

“Muitas organizações iam rever se continuariam trabalhando, muitas delas levam serviços para diversas comunidades, desde população em favelas, em situação de rua e pessoas que convivem com HIV/aids”, diz, em nota, Harley Henriques, coordenador geral do Fundo Positivo.

O apoio emergencial será direcionado especificamente para gastos administrativos, como folha de pagamento, aluguel, contas de consumo como água, luz, telefone e internet. Cada uma das 20 ONGs receberá cerca de 40 mil reais. A obtenção desse tipo de recurso, para despesas rotineiras e manutenção da sede administrativa, explica Harley Henriques, é mais difícil.

Para o padre Júlio Lancelotti, que comanda a Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, responsável por 30 mil atendimentos ao mês a moradores em situação de rua na capital paulista, o auxílio vem em boa hora. “Essa ajuda do Fundo Positivo garante a sobrevivência do nosso trabalho, uma importância vital porque nesse tempo de tantas dificuldades são poucos os apoios que a gente recebe. É muito positivo esse gesto”, afirma Lancelotti.

Fôlego para as organizações assistenciais na pandemia

Estadão - Blogs - Fausto Macedo - Home - 20/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

O enfrentamento da Covid-19 traz inúmeros desafios e expõe o quanto a pandemia é avassaladora na vida das pessoas menos favorecidas e mais vulneráveis. Estamos falando da população ribeirinha, do morador em situação de rua, de grupos que incentiva empreendedorismo em favelas, das pessoas com HIV e que dependem de apoio assistencial, e tantos outros.

Um cenário de muita instabilidade e incerteza, mas que ajudou a acender a luz para que olhássemos para as organizações filantrópicas. Uma questão humanitária. No dia a dia, são as organizações assistenciais que ajudam a financiar projetos de diversas ONGs e chegar a essas pessoas necessitadas. E o desamparo dessas entidades que estão na linha de frente 365 dias do ano pode ter grande impacto social.

Desde março de 2020, início da pandemia, as organizações não fecharam as portas, pelo contrário, continuaram oferecendo os seus serviços de apoio. Mas captando cada vez menos recursos que possibilitem o oferecimento destes trabalhos comunitários.

E por essa razão que o **Fundo Positivo**, organização que financia há 6 anos mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil, está oferecendo apoio financeiro de forma emergencial. Assim, entidades filantrópicas conseguem manter em dia folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, neste período de pandemia de Covid-19.

Não vamos deixar um braço de apoio ter sua missão organizacional ameaçada pela falta de recursos. Devemos incentivar a solidariedade e acreditar que o desenvolvimento social inspira atitudes positivas.

* **Harley Henriques** é coordenador geral do **Fundo Positivo**



Harley Henriques.

FOTO: DIVULGAÇÃO (Foto:)

opinião

Marcos Sidnei Bassi Diretor superintendente
Evaldo Novelini Diretor de Redação
Karyn Paiva Gerente Comercial e Marketing

FUNDADO EM 11 DE MAIO DE 1958
Fundadores: Edson Danillo Dotto (1934-1997), Angelo Puga,
Fausto Polesi (1930-2011) e Maury de Campos Dotto



editorial

A função da imprensa

O governo do prefeito Marcelo Oliveira (PT), de Mauá, suspendeu ontem o contrato com a empresa Magsi, que deveria alugar veículos para a Sama (Saneamento e Serviços de Mauá) ao custo de R\$ 73,9 mil anuais. A decisão ocorreu assim que a administração tomou conhecimento, por meio de reportagem exclusiva publicada por este **Diário**, de que a firma integra o grupo comandado pela empresária Maria José Cantarelli Garcia, que também é dona da Garloc Transportes, Logística e Locações – companhia proibida de contratar com o poder público por suspeita de integrar organização criminosa que pagava propina a autoridades para vencer licitações.

A reportagem nasceu do trabalho

investigativo conduzido pelo repórter Júnior Carvalho e serve para ilustrar a importância de uma imprensa vigilante para a moralização dos contratos públicos. Se o jornal não tivesse exposto o malabarismo para burlar o veto imposto pela Justiça Federal à Garloc, o grupo empresarial do qual ela faz parte seguiria recebendo parte do orçamento mauaense – ao qual, segundo investigações da *Operação Trato Feito* há dois anos, ela teve acesso ao subornar o então prefeito Atila Jacomussi (PSB).

Caberá agora ao departamento jurídico do governo mauaense fazer a análise necessária para determinar se vai rescindir definitivamente o contrato com a Magsi ou se correrá o risco de

ser questionado, em futuro próximo, pela Justiça por desobedecer a ordem emanada pela juíza Raquel Silveira, do TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região).

Ao mostrar a ligação umbilical entre Magsi e Garloc, obrigando a Prefeitura de Mauá a suspender o contrato com a primeira, sob risco de afrontar a probidade, o **Diário** cumpriu a sua obrigação, desempenhou o papel que a comunidade dele espera. A sociedade do Grande ABC pode continuar contando com os olhos deste jornal, que há quase 63 anos, a serem completados no próximo 11 de maio, estão abertos para expor aquilo que muitos políticos e empresários gostariam que se mantivesse escondido.

Um prazer receber essa vacina. Já tenho orgulho dessa cidade e, agora, torço para que todos possam ser protegidos também. O negócio não é brincadeira.

Ismael Pereira, aposentado, que, ontem, aniversário de Santo André, tomou a dose 100 mil do imunizante contra a Covid. Na região, município é o primeiro a chegar à marca.

Futebol é tiro, porrada e bomba. O cara tem de ir para cima, mostrar que é vencedor. Se vier com 'ah, venho para disputar para não cair', então nem entra.

Marcelinho Carioca, ex-jogador do Ramalhão, que ontem emplacou dois filhos, Matheus e Lucas, no São Caetano, as duas primeiras contratações da nova gestão para Paulistão.

São tantos erros, tantas falhas e tantas falcatruas do governo passado que preciso dividir em capítulos da novela 'desgraças que faziam em Ribeirão Pires'.

Clóvis Volpi, prefeito de Ribeirão, que sugere que contratos para serviços de combate à Covid foram superfaturados por Adler Kiko Teixeira, que rebate: "Opinião dele pouco importa".

artigo

Fôlego para ONGs

O enfrentamento da Covid-19 traz inúmeros desafios e expõe o quanto a pandemia causada pelo novo coronavírus é avassaladora na vida das pessoas menos favorecidas e mais vulneráveis. Estamos falando da população ribeirinha, de refugiados que escolheram o Brasil para ter nova chance, do morador em situação de rua independentemente do motivo, de grupos que incentivam empreendedorismo em favelas, das pessoas com HIV carentes de apoio jurídico e que dependem de apoio assistencial, e tantos outros no nosso Brasil. Cenário de muita instabilidade e incerteza, mas que ajudou a acender a luz para que olhássemos para as organizações filantrópicas. Questão humanitária. No dia a dia, são as organizações assistenciais que ajudam a financiar projetos de diversas ONGs (Organizações Não Governamentais) e chegar a essas pessoas necessitadas. E o desamparo dessas entidades que estão na linha de frente 365 dias do ano pode ter grande impacto social.

Desde março de 2020, início da pandemia, organizações não fecharam as portas. Pelo contrário. Continuaram oferecendo serviços de apoio. Isso porque é da essência do povo brasileiro ser solidário. Mas é bem verdade que, apesar dos esforços e tentativas, essas entidades estão captando cada vez menos recursos que possibilitem o oferecimento destes trabalhos comunitários. Porém, doações das empresas privadas caíram drasticamente no ano passado. Ao mesmo tempo, após um ano de pandemia, o efeito econômico impactou mais esta população vulnerável. Em 2020, o impacto nos projetos com HIV/Aids, LGBT, mulheres, com movimentos negros e também de população trans foi significativo e fez com que o Fundo Positivo financiasse projetos de Covid-19. No entanto, neste ano, a preocupação se acentuou ao perceber que a rede de apoiados era impactada, a ponto de ter sua missão organizacional ameaçada pela falta de recursos. E por essa razão que o Fundo Positi-

vo, organização que financia há seis anos mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil, ofereceu apoio financeiro de forma emergencial. Assim, entidades filantrópicas conseguem manter em dia despesas com folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, neste período de pandemia de Covid. Foram escolhidas 20 ONGs e cada uma recebeu repasse de cerca de R\$ 40 mil. Traz alento para nós saber que neste momento refeições estão sendo servidas à população que mais necessita, adolescentes do Estado de São Paulo que vivem com HIV-Aids têm condições básicas e estão mantidos na faculdade. E outras milhares de pessoas estão com as vidas impactadas de forma positiva. Devemos incentivar, praticar a solidariedade e acreditar que o desenvolvimento social inspira atitudes positivas.

Harley Henriques é coordenador geral do Fundo Positivo.

palavra do leitor

As cartas para esta seção devem ser encaminhadas pelos Correios (Rua Catequese, 562, bairro Jardim, Santo André, CEP 09090-900) ou por e-mail (palavradoleitor@dgabc.com.br). Necessário que sejam indicados nome e endereço completos e telefone para contato. Não serão publicadas ofensas pessoais. Os assuntos devem versar sobre temas abordados pelo jornal. O Diário se reserva o direito de publicar somente trechos dos textos.

Dia do Jornalista

Pelo transcorrer do Dia do Jornalista, 7 de abril, parablenizo toda a equipe de profissionais do jornalismo deste **Diário** pelas informações e boas notícias diariamente necessárias. Cordiais Saudações.

Rafael Rabinovici
São Bernardo

Caos total

Em País no qual as pessoas não respeitam o isolamento físico por causa da pandemia; nas vendas de gêneros alimentícios, de higiene, combustíveis etc, cada um determina seu preço; pessoas que acreditam em Papai Noel, Coelhinho da Páscoa, Saci-Pererê, torcem para a volta da corrupção, da roubalheira geral e a política de quanto pior, melhor, só há um tipo de governo para dar basta nessa situação. E esse tipo de governo é o que a maior parte da população brasileira tanto deseja, para se restabelecer a ordem e o progresso da Nação. Mas, ao que parece, os chefes do poder preferem deixar do jeito que está, para ver como é que fica. Se é que dará tempo de ver como vai ficar. Acorda, Brasil.

Sérgio Antônio Ambrósio
Mauá

Concordo!

Concordo plenamente com o leitor Leopoldino Lopes Conceição (*Sem esquerda, dia 7*). Este **Diário** tem dado muita guarida a esquerdistas, sem esquecer o columnista Carlos Brickmann (*Política*), que só sabe falar mal do atual governo, sempre mencionando a mansão adquirida pelo filho do presidente. Mas não vejo uma linha sobre o Lulinha, que, de tratador do zoológico, esta 'biliarário', com várias fazendas e gado. Talvez eu deva usar as mesmas armas do senhor Leopoldino.

Jair Pistoia
São Bernardo

Discordo!

Que mentalidade triste e limitada a do leitor Leopoldino Lopes Conceição, expressada nessa conceituada coluna *Palavra do Leitor*. Quer dizer que ele prefere viver em ditadura? Quer dizer que só a direita pode divulgar suas ideias? Será que ele gostaria de ser impedido de manifestar suas próprias ideias? Creio que ele não gostaria, assim como nin-

guém gosta. Todos nós pagamos impostos e temos os mesmos direitos. Portanto, aprenda a conviver com a esquerda, com a direita, com o centro e com quem não se encaixa em qualquer um desses rótulos. Meu desejo é que pessoas assim, como o citado leitor, sejam cada vez mais raras em nossa sociedade. Só mais dois detalhes: o ex-presidente Lula não é condenado. E este **Diário** sempre foi veículo democrático. Para finalizar, não sou petista nem esquerdistista, no segundo turno votei no atual presidente, e já me arrependi profundamente do meu voto.

Fábio Durante
Santo André

Fora, Bolsonaro! – I

Assino embaixo a missiva da leitora 'batateira' Tânia Teixeira, publicada neste prestigioso periódico **Diário** (*Parcialidade, dia 5*). Fora, Bolsonaro!

João Paulo de Oliveira
Diadema

Fora, Bolsonaro! – 2

Negacionismo! Quem não providenciou vacinas, continua defendendo a cloroquina. Assuma seus atos, presidente Bolsonaro!

Tânia Tavares
Capital

Fica, Bolsonaro!

Lendo esta coluna de segunda-feira, deu para ver que o presidente Bolsonaro incomoda a muitos, e o que escrevem contra ele não tem nexos nem lastro (*Opinião, dia 5*). Uns parecem crianças ao falar de política; outros despejam seus dramas e ressentimentos. Que coisa feia! De sete cartas, três o atacaram. Respeito é bom e todo mundo gosta. Ganhou a eleição em 2018. Somos democratas ou não? Eu sou. Mas acredito que também leram a entrevista de Joyce Hasselmann (*Política*), a maior criadora de *fake news* dos últimos tempos. Pouco se aproveita da entrevista. Mas para os que estão descontentes e atacando o presidente da República, sigam a orientação dela: 'O melhor caminho é o aeroporto'. Portanto, aproveitem e voem – Cuba e Venezuela os receberão de braços abertos. A China pode ser também. O sistema de governo é o mesmo nos três países.

Ângelo Marchi Neto
Mauá

loterias

QUINA		04 • 09 • 63 • 71 • 78
Concurso	5.535	
MEGA-SENA		10 • 15 • 21 • 24 • 29 • 45
Concurso	2.360	
TIMEMANIA		03 • 22 • 27 • 42 • 53 • 55 • 61
Concurso	1.623	Time do Coração: Fluminense-RJ
DIA DE SORTE		01 • 09 • 14 • 19 • 28 • 29 • 30
Concurso	441	Mês de Sorte: Setembro
		01 • 03 • 05 • 06 • 07
LOTOFÁCIL		08 • 09 • 10 • 13 • 14
Concurso	2.201	16 • 18 • 19 • 21 • 24

O leitor deve checar os resultados nas lotéricas e no site da Caixa, em www.caixa.com.br, porque os números publicados, divulgados somente no fim da noite, podem eventualmente estar desfasados, em razão dos horários de fechamento do jornal.

EXPEDIENTE

TELEFONES: PARX (11) 4435.8100 • CLASSIFÁCIL 4435.8000 • PUBLICIDADE 4435.8299 • ADMINISTRATIVO 4435.8075

DIÁRIO DO GRANDE ABC
Filial à APJ

ADMINISTRAÇÃO, PUBLICIDADE E REDAÇÃO
Rua Catequese, 562, Santo André - SP
CEP 09090-400

ATENDIMENTO AO LEITOR
(11) 4435.8010
E-mail: palavradoleitor@dgabc.com.br
E-mail: assinante@dgabc.com.br

DEPARTAMENTO COMERCIAL
(11) 4435.8159 e
(11) 4435.8172

VENDA DE ASSINATURA
(11) 4435.8010
E-mail: telemarketing@dgabc.com.br
De segunda a sexta-feira,
das 8h às 18h

CLASSIFÁCIL
(11) 4435.8000
E-mail: classifacil@dgabc.com.br
De segunda a sexta-feira,
das 8h às 18h

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 4435.8010
E-mail: sao@dgabc.com.br
De segunda a sexta-feira,
das 8h às 18h

BANCAS (JORNALISTAS)
(11) 4435.8108/8010
E-mail: vendaavulsa@dgabc.com.br
De segunda a sexta-feira,
das 8h às 18h

PREÇO DO EXEMPLAR:
Dias úteis R\$ 2,00
Domingos R\$ 4,00

DIÁRIO ONLINE
4435.8117
(online@dgabc.com.br)

A tiragem desta edição
é comprovada pela FLM
Auditoria e Consultoria

FLM
Auditoria e Consultoria

Fôlego para ONGs

Diário do Grande ABC - 04/08/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

O enfrentamento da Covid-19 traz inúmeros desafios e expõe o quanto a pandemia causada pelo novo coronavírus é avassaladora na vida das pessoas menos favorecidas e mais vulneráveis. Estamos falando da população ribeirinha, de refugiados que escolheram o Brasil para ter nova chance, do morador em situação de rua independentemente do motivo, de grupos que incentivam empreendedorismo em favelas, das pessoas com HIV carentes de apoio jurídico e que dependem de apoio assistencial, e tantos outros no nosso Brasil. Cenário de muita instabilidade e incerteza, mas que ajudou a acender a luz para que olhássemos para as organizações filantrópicas. Questão humanitária. No dia a dia, são as organizações assistenciais que ajudam a financiar projetos de diversas ONGs (Organizações Não Governamentais) e chegar a essas pessoas necessitadas. E o desamparo dessas entidades que estão na linha de frente 365 dias do ano pode ter grande impacto social.

Desde março de 2020, início da pandemia, organizações não fecharam as portas. Pelo contrário. Continuaram oferecendo serviços de apoio. Isso porque é da essência do povo brasileiro ser solidário. Mas é bem verdade que, apesar dos esforços e tentativas, essas entidades estão captando cada vez menos recursos que possibilitem o oferecimento destes trabalhos comunitários. Porém, doações das empresas privadas caíram drasticamente no ano passado. Ao mesmo tempo, após um ano de pandemia, o efeito econômico impactou mais esta população vulnerável. Em 2020, o impacto nos projetos com HIV/Aids, LGBT, mulheres, com movimentos negros e também de população trans foi significativo e fez com que o **Fundo Positivo** financiasse projetos de Covid-19. No entanto, neste ano, a preocupação se acentuou ao perceber que a rede de apoiados era impactada, a ponto de ter sua missão organizacional ameaçada pela falta de recursos.

E por essa razão que o **Fundo Positivo**, organização que financia há seis anos mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil, ofereceu apoio financeiro de forma emergencial. Assim, entidades filantrópicas conseguem manter em dia despesas com folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, neste período de pandemia de Covid. Foram escolhidas 20 ONGs e cada uma recebeu repasse de cerca de R\$ 40 mil. Traz alento para nós saber que neste momento refeições estão sendo servidas à população que mais necessita, adolescentes do Estado de São Paulo que vivem com HIV-Aids têm condições básicas e estão mantidos na faculdade. E outras milhares de pessoas estão com as vidas impactadas de forma positiva. Devemos incentivar, praticar a solidariedade e acreditar que o desenvolvimento social inspira atitudes positivas.

Harley Henriques é coordenador geral do **Fundo Positivo**.

PALAVRA DO LEITOR

Dia do Jornalista

Pelo transcorrer do Dia do Jornalista, 7 de abril, parabênizo toda a equipe de profissionais do jornalismo deste Diário pelas informações e boas notícias diariamente necessárias. Cordiais Saudações.

Rafael Rabinovici

São Bernardo

Caos total

Em País no qual as pessoas não respeitam o isolamento físico por causa da pandemia; nas vendas de gêneros alimentícios, de higiene, combustíveis etc, cada um determina seu preço; pessoas que acreditam em Papai Noel, Coelhinho da Páscoa, Saci-Pererê, torcem para a volta da corrupção, da roubalheira geral e a política de quanto pior, melhor, só há um tipo de governo para dar basta nessa situação. E esse tipo de governo é o que a maior parte da população brasileira tanto deseja, para se restabelecer a ordem e o progresso da Nação. Mas, ao que parece, os chefes do poder preferem deixar do jeito que está, para ver como é que fica. Se é que dará tempo de ver como vai ficar. Acorda, Brasil.

Sérgio Antônio Ambrósio

Mauá

Concordo!

Concordo plenamente com o leitor Leopoldino Lopes Conceição (Sem esquerda, dia 7). Este Diário tem dado muita guarida a esquerdistas, sem esquecer o colonista Carlos Brickmann (Política), que só sabe falar mal do atual governo, sempre mencionando a mansão adquirida pelo filho do presidente. Mas não vejo uma linha sobre o Lulinha, que, de tratador do zoológico, esta 'biliardário', com várias fazendas e gado. Talvez eu deva usar as mesmas armas do senhor Leopoldino.

Jair Pistoia

São Bernardo

Discordo!

Que mentalidade triste e limitada a do leitor Leopoldino Lopes Conceição, expressada nessa conceituada coluna Palavra do Leitor. Quer dizer que ele prefere viver em ditadura? Quer dizer que só a direita pode divulgar suas ideias? Será que ele gostaria de ser impedido de manifestar suas próprias ideias? Creio que ele não gostaria, assim como ninguém gosta. Todos nós pagamos impostos e temos os mesmos direitos. Portanto, aprenda a conviver com a esquerda, com a direita, com o centro e com quem não se encaixa em qualquer um desses rótulos. Meu desejo é que pessoas assim, como o citado leitor, sejam cada vez mais raras em nossa sociedade. Só mais dois detalhes: o ex-presidente Lula não é condenado. E este Diário sempre foi veículo democrático. Para finalizar, não sou petista nem esquerdistas, no segundo turno votei no atual presidente, e já me arrependi profundamente do meu voto.

Fábio Durante

Santo André

Fora, Bolsonaro! – 1

Assino embaixo a missiva da leitora 'batateira' Tânia Teixeira, publicada neste prestigioso periódico Diário (Parcialidade, dia 5). Fora, Bolsonaro!

João Paulo de Oliveira

Diadema

Fora, Bolsonaro! – 2

Negacionismo! Quem não providenciou vacinas, continua defendendo a cloroquina. Assuma seus atos, presidente Bolsonaro!

Tânia Tavares

Capital

Fica, Bolsonaro!

Lendo esta coluna de segunda-feira, deu para ver que o presidente Bolsonaro incomoda a muitos, e o que escrevem contra ele não tem nexos nem lastro (Opinião, dia 5). Uns parecem crianças ao falar de política; outros despejam seus dramas e ressentimentos. Que coisa feia! De sete cartas, três o atacaram. Respeito é bom e todo mundo gosta. Ganhou a eleição em 2018. Somos democratas ou não? Eu sou. Mas acredito que também leram a entrevista de Joyce Hasselmann (Política), a maior criadora de fake news dos últimos tempos. Pouco se aproveita da entrevista. Mas para os que estão descontentes e atacando o presidente da República, sigam a orientação dela: 'O melhor caminho é o aeroporto'. Portanto, aproveitem e voem – Cuba e Venezuela os receberão de braços abertos. A China pode ser também. O sistema de governo é o mesmo nos três países.

Ângelo Marchi Neto

Mauá

Fôlego para ONGs Harley Henriques*

No Mercado - Home - 09/04/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

Harley Henriques é coordenador geral do Fundo Positivo

O enfrentamento da Covid-19 traz inúmeros desafios e expõe o quanto a pandemia causada pelo novo coronavírus é avassaladora na vida das pessoas menos favorecidas e mais vulneráveis.

Estamos falando da população ribeirinha, de refugiados que escolheram o Brasil para ter uma nova chance, do morador em situação de rua independente do motivo, de grupos que incentivam empreendedorismo em favelas, das pessoas com HIV carentes de apoio jurídico e que dependem de apoio assistencial, e tantos outros no nosso Brasil.

Um cenário de muita instabilidade e incerteza, mas que ajudou a acender a luz para que olhássemos para as organizações filantrópicas. Uma questão humanitária. No dia a dia, são as organizações assistenciais que ajudam a financiar projetos de diversas ONGs e chegar a essas pessoas necessitadas. E o desamparo dessas entidades que estão na linha de frente 365 dias do ano pode ter grande impacto social.

Desde março de 2020, início da pandemia, as organizações não fecharam as portas, pelo contrário, continuaram oferecendo os seus serviços de apoio. Isso porque é da essência do povo brasileiro ser solidário.

Mas é bem verdade que, apesar dos esforços e tentativas, essas entidades estão captando cada vez menos recursos que possibilitem o oferecimento destes trabalhos comunitários.

Porém, as doações das empresas privadas caíram drasticamente no ano passado. Ao mesmo tempo, após 1 ano de pandemia, o efeito econômico impactou mais esta população vulnerável.

Em 2020, o impacto nos projetos com HIV/Aids, LGBT, mulheres, com movimentos negros e também de população trans foi significativo e fez com que o Fundo Positivo financiasse projetos de COVID- 19. No entanto, neste ano, a preocupação se acentuou ao perceber que a rede de apoiados era impactada, a ponto de ter sua missão organizacional ameaçada pela falta de recursos.

E por essa razão que o Fundo Positivo, organização que financia há 6 anos mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil, ofereceu m apoio financeiro de forma emergencial. Assim, entidades filantrópicas conseguem manter em dia despesas com folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, neste período de pandemia de Covid-19. Foram escolhidas 20 ONGs e cada uma recebeu um repasse de cerca de 40 mil reais.

Traz alento para nós saber que neste momento refeições estão sendo servidas à população que mais necessita, adolescentes do estado de São Paulo que vivem com HIV Aids têm condições básicas e estão mantidos na faculdade. E outras milhares de pessoas estão com as suas vidas impactadas de forma positiva.

Devemos incentivar, praticar a solidariedade e acreditar que o desenvolvimento social inspira atitudes positivas.

O post Fôlego para ONGs Harley Henriques*

apareceu primeiro em No Mercado.



(Foto:)

Fome aumenta e ONGs tentam reverter queda nas doações **B2**

Pesquisa mostra derrota de Bolsonaro em 2º turno contra Mandetta, Lula e Ciro **A13**

Na 'Live do Valor', Jereissati vê "larga avenida para o centro" **A15**



Valor

ECONÔMICO

20 anos

Destaques

Delfim vê Lula presidente
O ex-ministro e ex-deputado Delfim Netto, que completará 93 anos em 1º de maio, acredita que, no confronto com Jair Bolsonaro, Lula provavelmente será o próximo presidente do país. Questionado pela colunista Claudia Safatle se votaria no petista, respondeu que "diante do quadro que está aí, não tenho a menor dúvida." **A4**

Construção traz vergalhão da Turquia
Para minimizar o desabastecimento de aço na construção civil, algumas empresas estão recorrendo à importação de vergalhões da Turquia. A Coopercon-SC, uma cooperativa de compras de materiais de construção que representa construtoras da Região Sul, está trazendo ao país três navios, com 60 mil toneladas. **B4**

EDP pretende investir R\$ 10 bi



O grupo português EDP planeja investir R\$ 10 bilhões no Brasil até 2025. A intenção é aumentar os aportes nas atividades de transmissão e distribuição de energia, ao mesmo tempo em que buscará oportunidades de crescimento em geração solar, além de retomar o plano de "reciclagem" de capital por meio da venda de ativos, disse ao **Valor** o CEO global, Miguel Stilwell d'Andrade. **B4**

Incentivo à produtividade
A divisão brasileira da Avon, do grupo Natura &Co, vai estender para toda sua força de vendas (1,3 mil revendedoras ativas) o novo programa de incentivos testado no 4º trimestre do ano passado, que ajudou a levar a receita líquida a pouco mais de R\$ 1 bilhão, com alta de 4,9% em relação a igual período de 2019. **B8**

Novos recordes no campo
A melhora do cenário para a segunda safra de milho e a confirmação de que a soja resistiu bem à falta de chuvas na fase de plantio, apesar do atraso nos trabalhos de campo, levaram Conab e IBGE a elevar suas estimativas para a safra 2020/21, que deverá bater novo recorde. Para a Conab, o total deve chegar a 272,3 milhões de toneladas (263,1 milhões segundo o IBGE). **B12**

Boa Vista compra a Konduto
O birô de crédito Boa Vista comprou a Konduto Internet, especializada no combate a fraudes em pagamentos on-line, por R\$ 172 milhões, sendo 27,8% em ações. É a segunda aquisição da Boa Vista desde seu IPO, em setembro, e acelera a estratégia de reduzir a dependência do tradicional serviço de score de crédito. **C6**

Depois da pandemia
"O atual governo é ideologicamente alimentado pelos absurdos interpretativos de Milton Friedman em "Capitalismo e Liberdade". Obra ultrapassada, de mais de 60 anos, continua "informando" os toscos que precisam de justificativas pretensamente teóricas às suas aspirações de ganhar muito e pagar um preço social pequeno", diz o sociólogo José de Souza Martins. **EU& Fim de Semana**

Ideias

Winston Fritsch
Com a entrada de novos atores no mercado de refino seria impossível ao governo impor o controle de preços dos combustíveis. **A18**

Maria Cristina Fernandes
Após a desastrosa gestão da pandemia, acesos de Bolsonaro à moderação podem ter chegado tarde demais. **EU& Fim de Semana**

Indicadores

Ibovespa	11/mar/21	196 %	R\$ 41,1 bi
Selic (meta)	11/mar/21	2,00% ao ano	
Selic (taxa efetiva)	11/mar/21	1,90% ao ano	
Dólar comercial (BC)	11/mar/21	5,5884/5,5890	
Dólar comercial (mercado)	11/mar/21	5,5422/5,5428	
Dólar turismo (mercado)	11/mar/21	5,6064/5,7864	
Euro comercial (BC)	11/mar/21	6,6820/6,6850	
Euro turismo (mercado)	11/mar/21	6,6401/6,6408	
Euro turismo (mercado)	11/mar/21	6,7787/6,9587	



Decisão de Fachin encoraja outros réus da Lava-Jato

Bárbara Pombo
De São Paulo

A decisão desta semana do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin, que anulou condenações em quatro processos penais contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tem repercussões maiores para o futuro da Operação Lava-Jato do que a suspeição do ex-juiz Sergio Moro, em análise pela 2ª Turma da Corte.

Condenados pela 13ª Vara Federal de Curitiba — nos casos do sítio de Atibaia, do triplex do Guarujá, da sede e das doações

ao Instituto Lula — tendem a se beneficiar automaticamente da decisão de Fachin, se confirmada na 2ª Turma ou no plenário do STF. O ministro considerou que a Justiça Federal de Curitiba não poderia ter julgado os processos, competência que caberia à Justiça do Distrito Federal.

O advogado Alberto Toron, que representa Fernando Bittar, apontado como dono do sítio de Atibaia, diz que a decisão vale para todos os acusados que fazem parte das quatro ações. Lula, Bittar, Emilio Odebrecht, Léo Bittar e outros seis réus foram condenados no caso de Atibaia.

O entendimento não se aplica automa-

ticamente aos réus em processos que não tenham relação direta com a Petrobras. Pode, porém, ser usado para reforçar o argumento de que os casos devem recomençar na Justiça de outros Estados, ganhando tempo e novas perspectivas de resultado. "É possível desde já usar a decisão para pedir o deslocamento da competência", afirma Pierpaolo Bottini, criminalista que também defendeu réus na Lava-Jato.

Já a declaração da suspeição de Moro terá pouca valia para outros réus. Se confirmada na 2ª Turma, beneficiará apenas o ex-presidente em uma das quatro ações penais em que é réu. **Página A14**

Camaçari vive 'desmanche' de suas fábricas

Gabriel Vasconcelos
De Camaçari (BA)

Dois meses depois do anúncio da Ford sobre o fim da produção em Camaçari, na Bahia, empresas de autopeças da cidade já trabalham no desmonte de suas fábricas. Fornecedores dizem não acreditar na chegada de outra fabricante para substituir a montadora a curto prazo e buscam estancar prejuízos, como custos de pessoal e aluguel. As empresas também negociam com a Ford uma solução para o encalhe de produtos e insumos.

Algumas fabricantes de autopeças procuram transferir ou vender o maquinário. São robôs, compressores de ar e resfriadores de água de última geração, um capital produtivo acumulado por 20 anos, desde a chegada da Ford à Bahia, em 2001. "As empresas vão conseguir vender tudo. Só não se sabe a que preço e para quem", diz Wagner Bello, executivo da japonesa Fanuc.

Segundo o Sindipeças, os maiores fornecedores da Ford somam 30 empresas, que empregavam mais de três mil trabalhadores diretos em Camaçari. Já a fábrica da montadora americana tinha 4,05 mil empregados. Ao todo, cerca de 7,5 mil pessoas vão perder seus empregos. **Página A20**

Novos voos



Janguê Diniz, fundador da Ser Educacional, alcançou a meta de se tornar muito rico, mas diz 'À Mesa com o Valor' que sua carreira de empreendedor está só começando. **EU& Fim de Semana**

Com o sistema de saúde perto do colapso, SP fecha templos e praias

De São Paulo

A escalada da pandemia levou o sistema de saúde paulista quase ao limite. Em 53 cidades a ocupação de UTIs é de 100% e, em todo o Estado, de 86,7%. Na rede privada é o mesmo. No Albert Einstein, a

demanda já supera a disponibilidade e novos pacientes são tratados no pronto-socorro até a abertura de vaga. O governo do Estado anunciou uma "fase emergencial", com medidas muito mais duras, como o fechamento de templos e a suspensão dos jogos de futebol. **Página A6**

Inflação supera expectativas e mercado espera alta dos juros

Anais Fernandes, Victor Rezende e Marcelo Osakabe
De São Paulo

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) voltou a acelerar em fevereiro, encerrando o mês em 0,86%, ante 0,25% de janeiro. Em 12 meses, o IPCA acumula alta de 5,2%, a maior desde janeiro de 2017, segundo o IBGE. O resultado, acima das projeções do mercado, promoveu uma série de revisões e, agora, uma inflação de 4% em 2021 já é vista como piso.

A inflação acima do esperado faz crescer a pressão por um aumento da taxa básica de juros, hoje em 2%, na reunião do Copom na próxima semana. Em levantamento feito pelo **Valor** com 87 instituições financeiras e consultorias, a alta da Selic para 2,5% é defendida por 76 casas. Outras 7 acreditam em alta de 0,25 ponto percentual, enquanto 2 projetam a manutenção dos juros. O aumento de 0,75 ponto está na projeção de 2 casas.

Além da inflação, analistas justificam que o início do aperto monetário deve ocorrer em razão do risco fiscal, do câmbio depreciado e da piora do ambiente externo para os países emergentes. **Páginas A4 e C1**

Castello Branco pode ir para o conselho da Vale

Francisco Góes
Do Rio

De saída da Petrobras, após intervenção do presidente Bolsonaro na estatal, Roberto Castello Branco deve concorrer a uma vaga no conselho da Vale. Mais que isso, pode disputar a presidência do colegiado. A candidatura foi confirmada ao **Valor** por um grupo de investidores que decidiu lançar nomes alternativos à lista apresentada pela companhia. **Página B1**

Campeão das chamadas indesejadas

Amália Safatle
Para o Valor, de São Paulo

A importunação só aumenta. Os brasileiros são as maiores vítimas de ligações indesejadas no mundo há três anos consecutivos, segundo levantamento da Truecaller, empresa de aplicativo de bloqueio de chamadas. Especialistas atribuem isso à legislação branda e até a traços culturais. **EU& Fim de Semana**

LIVE do VALOR

Às 11 horas no www.valor.com.br

- Sexta, 12/03 - Fernando Queiroz**, CEO da Minerva Foods; e **Edison Ticle**, diretor de finanças e de relações com investidores da Minerva Foods
- Segunda, 15/03 - Rubens Ometto**, fundador e controlador majoritário do Grupo Cosan
- Terça, 16/03 - Ana Paula Vescovi**, economista-chefe do Santander e membro do Grupo Macro Anbima; e **Fernando Honorato**, economista-chefe do Bradesco e coordenador do Grupo Macro Anbima



OFICINAS ABERTAS NESTE SÁBADO.

PARA SEU CONFORTO, SEGURANÇA E COMODIDADE, AMPLIAMOS NOSSOS HORÁRIOS E DIAS DE ATENDIMENTO, COLABORANDO COM O GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO NO SENTIDO DE EVITAR AGLOMERAÇÕES.

GRÁTIS

AGENDE A REVISÃO DE SEU CARRO E GANHE LAVAGEM E HIGIENIZAÇÃO DO AR-CONDICIONADO.

**EAD**
QUALIDADE, TECNOLOGIA E DESIGN

ENTRE EM CONTATO COM A CONCESSIONÁRIA DE SUA PREFERÊNCIA OU ACESSSE: **WWW.D21MOTORS.COM.BR**

Celso Athayde, da Central Única das Favelas: queda de 70% nas doações em janeiro e fevereiro **B2**



Destaques

Produção de motos cai

Os fabricantes de motos instalados no Polo Industrial de Manaus sentiram com muita força os efeitos do recrudescimento da pandemia de covid-19 neste início de ano. Em paralelo, como em outros segmentos, também a cadeia de fornecedores do setor enfrenta problemas de abastecimento. A produção que em janeiro, na comparação anual, já havia caído 46,5%, voltou a apresentar queda em fevereiro de 38,6%, segundo divulgou há pouco a Abraciclo, entidade que representa o setor. Em janeiro foram montadas 53,6 mil unidades. Em fevereiro o volume ficou em 58 mil. A produção no primeiro bimestre, de 111,6 mil motos, corresponde a uma retração de 42,7% na comparação com o mesmo período de 2020.

Venda acompanha queda

Os emplacamentos de motos acompanharam o desempenho de queda da produção. Em janeiro as vendas ainda mantiveram algum fôlego e foram emplacadas 85,8 mil motos, queda de 6,4% na comparação anual. Mas em fevereiro esse número caiu para 57,4 mil motos, 28,1% a menos do que no mesmo mês de 2020. No bimestre foram licenciadas 171,5 mil motos, queda de 16,5% na comparação com o ano passado. A média diária de vendas em fevereiro, com 20 dias úteis, foi de 2.869 unidades. Foi o pior desempenho para esse mês desde 2003, com 3.390 motos emplacadas por dia. No mesmo período de 2020, com 18 dias úteis, a média ficou em 4.434 unidades vendidas.

Ecorodovias reestrutura

A Ecorodovias informou ontem que ocorreu o "Primeiro Fechamento" previsto no "Contrato de Dissociação" entre os acionista controladores Primav Infra, Primav Construções e Comércio e Igli, subsidiária integral da companhia italiana de infraestrutura ASTM. No primeiro fechamento da operação, a Igli realizou um aporte de capital na Primav Infra (controladora direta da Ecorodovias) no valor total de R\$ 880,9 milhões. Os recursos foram integralmente utilizados pela Primav Infra para liquidar seu endividamento financeiro existente. Após o aporte, foi aprovada uma cisão parcial da Primav Infra, com a transferência de 232,5 milhões de ações da Ecorodovias para a Igli, além de participação na Concessionária do Monotrilho da Linha 18 Bronze (VemABC). Com a operação, a Igli passa a deter 46,7% de participação na Ecorodovias e a Primav fica com 22,4% da companhia.

Toyota lança novo híbrido

A Toyota lançou ontem o Corolla Cross e anunciou os preços do novo automóvel: a versão básica custará R\$ 139,9 mil e a híbrida mais cara, R\$ 179,9 mil. O utilitário esportivo é o segundo modelo produzido pela montadora japonesa no Brasil que oferece uma versão híbrida. O Corolla sedã foi a primeira. A versão Cross será produzido na fábrica de Sorocaba (SP), que recebeu investimento de R\$ 1 bilhão. Todas as montadoras têm investido no lançamento de utilitários esportivos por ser este o segmento que mais cresce no Brasil. Representava 8,4% das vendas de carros no país em 2010. Hoje a fatia gira em torno de 26% e a previsão da indústria é chegar a mais de 33% daqui a dois anos.

Índice

Sociedade B2
Infraestrutura B3 e B4
Movimento Imobiliário B4
Indústria B5
Serviços e Tecnologia B6
Tendências e Consumo B8
Valor & Auto B10
Aeronáutica B11 e B12

Veículos Outro dilema enfrentado pelo setor é evitar que o modelo elétrico se torne um produto de elite

Novo modelo de produção é desafio para montadoras

Marli Olmos

De São Paulo

Ao mesmo tempo em que precisa resolver grandes desafios do futuro, voltados ao carro elétrico, a indústria automobilística tem que lidar com problemas do passado. A escassez de componentes durante a pandemia colocou à prova o histórico e eficiente sistema de produção sem estoque, uma marca registrada desse setor. Carlos Tavares, presidente mundial da Stellantis, disse ontem que o problema da falta de semicondutores não terminará no primeiro semestre, como muitos creem. Vai durar o ano todo.

O executivo culpou os fornecedores do "primeiro nível" — grandes empresas de peças, que fornecem diretamente às montadoras — pelo problema. Essas empresas, na maioria dos casos, compram os chips para colocar nos conjuntos de peças entregues aos fabricantes dos veículos.

Segundo ele, os "primeiros sinais" de que a indústria automobilística seria afetada começaram a aparecer em outubro. "Se tivéssemos sido avisados naquele momento tomaríamos algumas decisões, como antecipação dos estoques", destacou.

As montadoras disputam esses chips com a indústria de eletrônicos e celulares. Com a pandemia e a paralisação das linhas de veículos, os fabricantes dos semicondutores, concentrados na Ásia, passaram a atender preferencialmente os clientes que não pararam de produzir. Tavares disse que o problema "deixará lições".

O executivo encerrou ontem à tarde uma visita de três dias ao Brasil. Foi a primeira vez que veio ao

país desde que assumiu o comando da Stellantis, empresa formada em janeiro a partir da fusão de Fiat, Chrysler, Peugeot e Citroën.

Tavares, um executivo português, era do grupo francês PSA Peugeot Citroën. Ele veio ao Brasil visitar as fábricas do lado que não conhecia — a que pertencia à Fiat, em Betim (MG), e a da Jeep Chrysler, em Goiana (PE). Pernambuco foi a parada final antes da viagem de regresso à Europa. De Goiana, ele concedeu entrevista, por vídeo, a um grupo de jornalistas brasileiros.

O fato de ser um dos executivos mais respeitados do setor automotivo lhe permitiria ter em tantos outros. Tavares, no entanto, faz questão do detalhamento, de ouvir com atenção e não deixar nenhuma questão vaga.

O entusiasmo especialmente falar sobre carros elétricos e do desafio da indústria e governos de tornar o produto acessível. Para ele, o maior dilema do setor, hoje, é encontrar meios de evitar que o modelo elétrico se torne um produto de elite.

Segundo ele, a meta é conseguir um produto ambientalmente correto que possa ser comprado por todas as classes que consomem veículos a combustão. "Se os preços forem altos não haverá ganho algum para o meio ambiente porque a classe média não poderá adquiri-los", destacou.

O executivo criticou a rigidez das regras impostas pelas União Europeia para que a indústria produza veículos cada vez menos poluentes. E disse esperar "uma qualidade melhor de diálogo" quando

o tema chegar à América Latina.

Ele também queixou-se da pressão nos preços do aço. Disse que a indústria terá que buscar formas de compensar a elevação de preços para não ter que repassar o custo ao consumidor.

Tavares disse que não é intenção da companhia fechar nenhuma fábrica brasileira. Além das duas que ele visitou ontem, o grupo tem uma operação em Porto Real (RJ), que hoje produz veículos Peugeot e Citroën. A partir da fusão, as fábricas deixam também de ser exclusivas para carros das marcas que antes representavam. Com plataformas comuns, poderão ter linhas de qualquer uma das quatro marcas.

Assim, a operação mineira em Betim, por exemplo, deixará de ser exclusiva para carros da Fiat. Durante a visita do executivo a essa unidade, na quarta-feira, a companhia aproveitou para inaugurar ali uma nova fábrica de motores, que atenderá a veículos de todas as marcas da Stellantis.

As observações do presidente mundial da companhia indicam que, ao contrário de enxugar operações, a fusão pode ser uma oportunidade de ocupação da capacidade das unidades que trabalham com elevada ociosidade. E também, como disse Tavares, de valorização das marcas que não receberam o devido investimento nos últimos tempos. É o caso, como ele mesmo confirmou, da operação que reúne Peugeot e Citroën.

A Stellantis é o quarto maior fabricante de veículos do mundo e no Mercosul tem 30% das vendas na soma das quatro marcas. A fusão, segundo o executivo, traz uma oportunidade de investimentos em novas tecnologias



SILVIA ZAMBONI/VALOR

Tavares: "Se preços [do carro elétrico] forem altos não haverá ganho ambiental"

que, separadas, essas empresas não teriam fôlego de alcançar.

As declarações de Tavares deram a entender que a equipe brasileira, capitaneada pelo italiano Antonio Filosa (ex-Fiat Chrysler), será fortemente cobrada para ajudar a nova companhia a chegar à ambiciosa meta de redução de custos, anunciada quando a união foi sacramentada.

Por meio da junção de áreas como desenvolvimento de produto e compras, a Stellantis, palavra com origem no verbo latino "stello", que significa "iluminar estrelas", almeja ganho anual de € 5 bilhões em sinergias. "São os lucros que nos permitem investir", destacou Tavares.

Na visita ao Brasil, o executivo também teve reuniões virtuais com os governadores Romeu Zema (Novo), de Minas Gerais, e

Paulo Câmara (PSB), de Pernambuco. Segundo a empresa, foram encontros de cortesia, em que o executivo se apresentou e reforçou a intenção do grupo de continuar a investir no país. No encontro com Zema, Tavares aproveitou para fazer uma apresentação virtual da nova linha de motores de Betim.

Tavares disse esperar uma melhora no quadro da pandemia no Brasil. A velocidade em que se dará a vacinação contra a covid-19, disse, "é uma incógnita". O executivo vê "outras limitações" no país, como a volatilidade que, paradoxalmente, ocorre num cenário de "grande potencial". Mas, destacou, "em qualquer país existem limitações". "Estou nessa indústria há 40 anos e nunca vi um país em que é possível dizer: aqui está tudo bem; vou ficar por aqui".

Castello Branco disputará conselho da Vale

Governança

Francisco Góes

Do Rio

De saída da Petrobras depois da intervenção do presidente Jair Bolsonaro na companhia, o economista Roberto Castello Branco deve concorrer a uma vaga no conselho de administração da Vale. E, mais do que isso, pode disputar a presidência do colegiado da mineradora nas eleições para renovar o conselho, marcadas para a Assembleia Geral Ordinária (AGO) da empresa, em 30 de abril.

A candidatura de Castello Branco ao conselho da Vale foi confirmada ontem por um grupo de investidores da companhia que resolveu lançar nomes alternativos à lista de 12 pessoas apresentada, na véspera, pela empresa para a eleição na AGO. Além do atual presidente da Petrobras, aparecem na relação dos investidores outros três candidatos: o consultor Mauro Cunha, a contadora Rachel Maia e o advogado Marcelo Gasparino.

Essa lista com quatro nomes conta com o apoio dos investidores Geração Futuro LP, Vic DTVM, Tempo Capital, Argucia Capital e RPS Partners, entre outros. O Valor apurou que os investidores encaminharão ontem à Vale pedido para que os nomes dos quatro candidatos sejam incluídos no Boletim

de Voto à Distância (BVD) e no Proxy Card dos ADRS (American Depositary Receipts), instrumentos usados por investidores para votar de forma prévia à assembleia.

Os acionistas da Vale que apoiam as candidaturas alternativas também indicaram Castello Branco para concorrer à presidência do conselho da empresa. Na quarta, a Vale havia anunciado, na lista de 12 nomes, a indicação de José Duarte Penido para assumir, como conselheiro independente, o cargo de "chairman" da companhia no lugar de José Maurício Coelho, presidente da Previ, o fundo de pensão dos funcionários do Banco do Brasil.

Os investidores que apoiam Castello Branco e os outros três candidatos também têm interesse na adoção do voto múltiplo (VM) na assembleia da empresa. Para chamar esse sistema, os acionistas precisam reunir 5% do capital da companhia. O mecanismo potencializa os votos dos investidores com menor participação acionária uma vez que eles podem concentrar ações em determinados candidatos. Procurada para comentar o surgimento de candidaturas alternativas à lista apresentada pela empresa na quarta-feira à noite, a Vale disse que não iria comentar.

Na prática, o pedido dos investidores abre uma disputa pelas vagas no conselho da Vale. O colegiado da mineradora tem 13 assentos, sendo um deles reservado

aos empregados, que fazem uma eleição em separado dos acionistas, a qual, neste ano, tornou-se alvo de polêmica, como mostrou o Valor esta semana.

A indicação dos investidores para o conselho se restringe, portanto, a 12 vagas. Caso os nomes das candidaturas alternativas forem confirmados, cria-se uma situação em que na AGO haverá, no mínimo, 16 candidatos para 12 lugares. Assim sendo, parte dos postulantes ao conselho vai ficar pelo caminho.

O sistema eleitoral escolhido pela Vale para a AGO é a votação individual nos candidatos, ou eleição majoritária, conhecida em inglês como "majority voting". Por esse sistema, o nome de cada candidato é submetido, individualmente, à votação dos acionistas. Já no sistema de voto múltiplo os votos podem ser concentrados em determinados candidatos. Caso os acionistas que apoiam as candidaturas alternativas não consigam reunir o mínimo de votos necessários para chamar o voto múltiplo, os candidatos devem concorrer pelo processo de eleição majoritária.

Para chegar à lista de 12 nomes, a Vale fez um trabalho exaustivo, que começou em julho do ano passado quando o conselho de administração da companhia aprovou a criação de um comitê de nomeação para fazer a recomendação de nomes, levando em conta determinadas competências. O comitê é

formado por Pedro Parente, ex-presidente da Petrobras, Alexandre Silva, presidente do conselho da Embraer, além de José Maurício Coelho, atual presidente do conselho da Vale.

Na quarta-feira, a Vale informou que o conselho de administração tinha se reunido naquele dia e aprovado uma lista de 12 nomes para fazer a renovação do colegiado que vai ditar os rumos da empresa no período 2021-2023. Dos 12 nomes, cinco

são novos, sendo quatro deles estrangeiros. Na indicação, aparecem oito conselheiros considerados independentes, segundo a companhia. Os quatro candidatos alternativos apontados ontem pelos investidores também preenchem os requisitos de independência. Para eleger um conselheiro na Vale, estima-se que seja necessário reunir algo como 6% do capital da empresa, mais de 300 milhões de ações da companhia.

SERUR

CÂMARA, MAC DOWELL, MEIRA LINS, MOURA, RABELO E BANDAIRA DE MELLO ADVOGADOS

Temos a satisfação em anunciar o ingresso de Fabricio da Mota Alves na sociedade para atuação na área de Privacidade e Proteção de Dados.

São Paulo
Recife
Brasília
João Pessoa

serur.com.br

Campanhas Moradores de favelas têm menos de duas refeições ao dia

Fome cresce e ONGs tentam driblar queda de doações

Marília de Camargo Cesar
De São Paulo

A fome ganha cada vez mais espaço na agenda das organizações que trabalham em favor das comunidades vulneráveis, as mais atingidas pelos impactos da pandemia — neste ano, agravados pelo fim do auxílio emergencial, queda das doações, aumento do desemprego e o repique de infecções de covid-19 em todo o Brasil. A deterioração do cenário está levando a uma retomada de campanhas e esforços para arrecadação de dinheiro e alimentos. “Vivemos uma situação muito delicada. Pessoas desempregadas há um ano, que tentam retomar a vida a partir do caos”, afirma Celso Athayde, fundador da Central Única das Favelas (Cufa). A organização lançou na semana passada sua campanha Mães da Favela, após verificar uma queda de 70% nas doações em janeiro e fevereiro em relação à média dos meses de março a maio do ano passado.

Athayde vê hoje uma situação ainda pior que a do início da pandemia, quando começaram as mobilizações. “Imaginamos, em 2020, que a esta altura a pandemia estaria controlada, que a chegada da vacina resolveria tudo. A população aderiu ao discurso da abertura da economia e baixou a guarda. O que vemos é um horizonte de tragédia, e que não precisaria necessariamente ser assim.”

Em 2020, o programa levantou doações em cestas básicas físicas ou digitais (vales alimentação no valor de R\$ 120 por três meses, recebidos via aplicativo PicPay) que, somados, equivalem a R\$ 170 milhões. Esse valor beneficiou 5 milhões de pessoas de 5 mil favelas em 600 municípios brasileiros, de Norte a Sul.

O movimento Mães da Favela foi retomado na terça-feira, e em uma semana conseguiu levantar R\$ 11 milhões, dos quais R\$ 5 milhões em dinheiro e R\$ 6 milhões equivalentes em alimentos. Athayde prefere não colocar uma meta desta vez. “Não teremos mais um volume tão grande quanto o de 2020, empresas e pessoas estão apertando o cinto. Torcemos para que a vacina avance o mais rápido possível”, diz.

“As pessoas estão comendo menos de duas refeições por dia na favela. Isso é gravíssimo. Só não aconteceu ainda uma explosão social porque o senso de soli-

dariedade nesses territórios é arraigado. É aquela história: se eu tenho comida, meu vizinho não morre de fome”, afirma Renato Meirelles, fundador do Instituto Locomotiva/Data Favela.

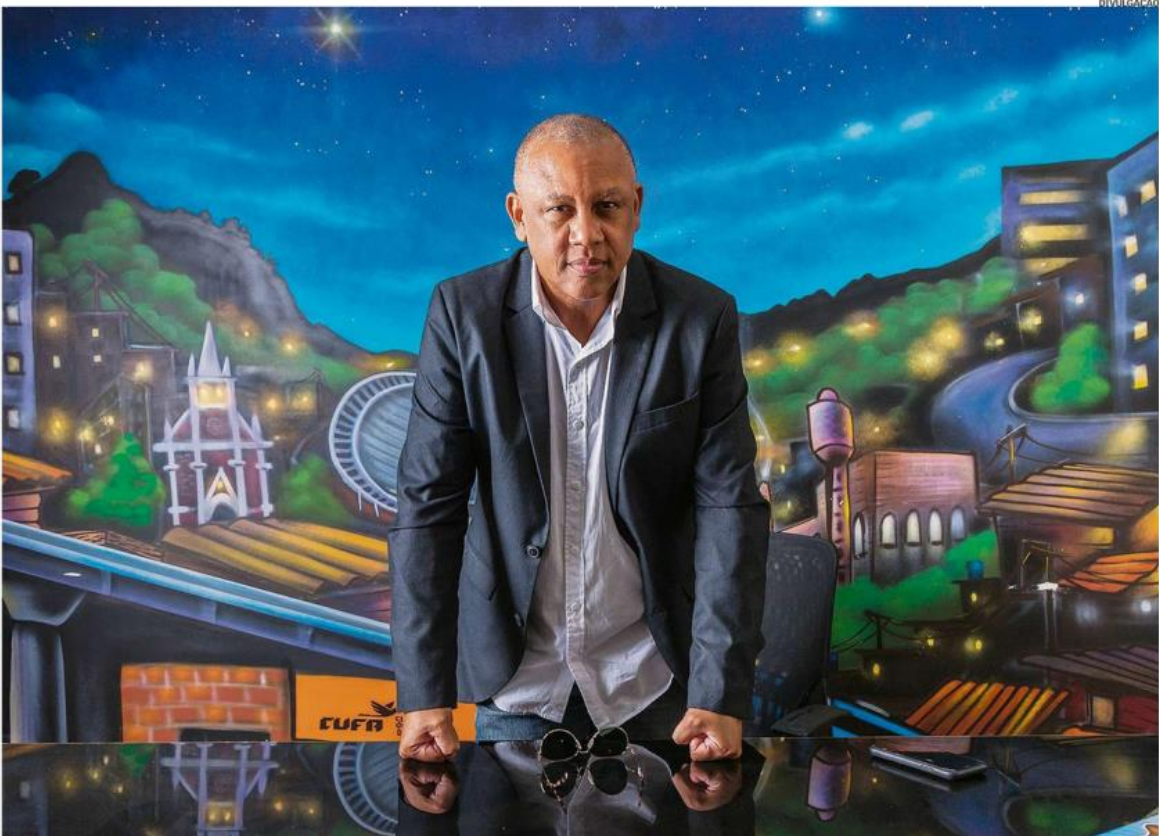
Uma pesquisa realizada pelo instituto, por encomenda da Cufa, com base em 2.087 entrevistas em 76 favelas de todos os Estados, de 9 a 11 de fevereiro, revelou que 7 em cada dez moradores de comunidades pobres disseram que a alimentação piorou por causa da pandemia, 25 pontos percentuais acima de agosto de 2020. Para 68% dos moradores, faltou dinheiro para comprar comida em pelo menos um dia nas duas semanas anteriores e a média diária de refeições nas comunidades foi de 1,9.

As doações ajudaram a lidar com o problema de forma mais imediata: 90% dos moradores de favelas receberam alguma doação durante a pandemia e oito em cada dez famílias entrevistadas afirmaram que não teriam condições de se alimentar, comprar produtos de higiene e limpeza ou pagar contas mais básicas caso não tivessem recebido a doação.

Segundo a pesquisa, 75% dos entrevistados tiveram que fechar o próprio negócio ou deixar de fazer bicos por causa da crise e, desses, mais da metade deixou de trabalhar 5 meses ou mais. O estudo mostra que o Brasil tem 16 milhões de pessoas vivendo em favelas, formando um contingente que, se fosse um Estado, seria o quinto maior do país.

As doações nacionais para iniciativas ligadas à covid-19 começaram a cair já em agosto, seguindo mais fracas até o fim do ano. Em janeiro, elas somaram R\$ 23 milhões, e em fevereiro, R\$ 5 milhões, com 20 mil e 5 mil doadores individuais, respectivamente, segundo o monitor de doações da Associação Brasileira dos Captadores de Recursos (ABCR). Em maio de 2020, por exemplo, no auge das arrecadações, 189 mil empresas e pessoas físicas contribuíram para essas causas. No total, no ano passado, foram captados R\$ 6,53 bilhões, um patamar inédito.

“Os esforços agora estão dispersos. O Brasil continua solidário, mas não estamos conseguindo capturar isso ainda este ano”, analisa Márcia Woods, presidente do conselho da ABCR. Os R\$ 28 milhões arrecadados no primeiro bimestre seriam um valor expressivo, segundo Márcia, “se fosse para



Celso Athayde, da Central Única das Favelas: “A população aderiu ao discurso da abertura da economia e baixou a guarda. O que vemos é um horizonte de tragédia”

Declínio

Captações para a covid-19 têm queda acentuada em 2021 - em R\$ bilhões



71% das famílias das favelas estão sobrevivendo com menos da metade da renda pré-pandemia

Fonte: ABCR e Instituto Locomotiva/Data Favela

9 em cada 10 receberam alguma doação durante a pandemia

8 em cada 10 famílias não teriam condição de comer, comprar produtos de higiene e limpeza ou pagar contas básicas se não tivessem recebido a doação

16 milhões de pessoas moram em favelas no Brasil



Agenda ESG pode estimular movimentos de filantropia

De São Paulo

Para fortalecer a cultura de doações no Brasil, país que ocupa o 74º lugar em um ranking de solidariedade de 140 nações, segundo o World Giving Index 2019, 70 lideranças do terceiro setor lançaram, em agosto de 2020, uma força tarefa com diretrizes para empresas e organizações da sociedade civil (OSC). O documento, que recebeu o nome de “Por Um Brasil + Doador”, é uma iniciativa do Movimento por uma Cultura de Doação, criado em 2012 por pessoas físicas e jurídicas que se organizaram voluntariamente, de maneira informal, com esse objetivo.

Segundo Márcia Woods, presidente do conselho de administração da Associação Brasileira dos Captadores de Recursos (AB-

CR), foram definidas cinco grandes diretrizes, que incluem, entre outras estratégias, desenvolver ações educativas focadas nas novas gerações; promover narrativas engajadoras e que criem empatia com as causas; advocacy (influenciar formação de políticas públicas) e reforma tributária. “São ações descentralizadas para fomentar uma maior participação cidadã”, afirma Márcia.

Para Paula Fabiani, presidente do Instituto Para o Desenvolvimento do Investimento Social (Idis), a pandemia produziu um movimento inédito entre empresas e cidadãos, cujo espírito deve ser mantido. “Vencemos uma barreira importante para a cultura de doações, nunca se falou tanto nisso. O ato de doar passou a ser bem-visto e positivo, mas nem sempre foi assim.”

Paula acredita que a agenda ESG — que promove uma cultura empresarial de ação social (S), governança (G) e sustentabilidade (E, de meio ambiente, em inglês) estimula o crescimento das iniciativas de filantropia. “O ‘s’ do ESG tem a ver com ação local, depende da realidade de cada país. Com tantas desigualdades escancaradas pela pandemia, a tendência é vermos mais empresas aderindo às doações.”

Entre as principais barreiras às práticas de doação no Brasil, de acordo com o World Giving Index 2019, estão a não compreensão do trabalho das organizações da sociedade civil (OSC) ou desconfiança em relação a elas, além da falta de conhecimento sobre o poder transformador das contribuições para essas causas, diz o documento. (MCC)

Entidades recebem apoio para despesas com manutenção

De São Paulo

O Fundo Positivo vai repassar cerca de R\$ 1 milhão para 20 organizações não governamentais em março. O apoio financeiro emergencial pretende ajudar as entidades filantrópicas a manter em dia folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, neste período de pandemia.

Neste ano, a preocupação com o impacto da covid-19 para projetos voltados a HIV/aids, LGBT, mulheres, movimentos negros e população trans — foco das atividades do Fundo — se acentuou. A falta de recursos coloca em risco as próprias organizações que desenvolvem os programas.

“Muitas organizações iam reverter se continuariam trabalhando, muitas delas levam serviços para diversas comunidades, desde população em favelas, em situação de rua e pessoas que convivem com HIV/aids”, diz, em no-

ta, Harley Henriques, coordenadora geral do Fundo Positivo.

O apoio emergencial será direcionado especificamente para gastos administrativos, como folha de pagamento, aluguel, contas de consumo como água, luz, telefone e internet. Cada uma das 20 ONGs receberá cerca de 40 mil reais. A obtenção desse tipo de recurso, para despesas rotineiras e manutenção da sede administrativa, explica Harley Henriques, é mais difícil.

Para o padre Júlio Lancelotti, que comanda a Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, responsável por 30 mil atendimentos ao mês a moradores em situação de rua na capital paulista, o auxílio vem em boa hora. “Essa ajuda do Fundo Positivo garante a sobrevivência do nosso trabalho, uma importância vital porque nesse tempo de tantas dificuldades são poucos os apoios que a gente recebe. É muito positivo esse gesto”, afirma Lancelotti.

Curta

Cursos para imigrantes

O programa Somos Todos Cuidadores, curso profissionalizante desenvolvido pela Sodexo On-site, em parceria com a Organização Internacional para as Migrações (OIM), formou uma turma de 33 venezuelanos em higiene e limpeza hospitalar. Em sua quarta edição, a iniciativa já capacitou mais de 120 alunos como copeiros hospitalares. O projeto tem como objetivo também capacitar pessoas em situação de vulnerabilidade, mulheres vítimas violência doméstica, pessoas com deficiência e pessoas trans para o mercado de trabalho “Parcerias como essa realizada com a Sodexo são de grande relevância para a OIM por viabilizarem iniciativas que promovem a capacitação e a inserção laboral de imigrantes, permitindo a integração econômica durável dessas pessoas que decidiram construir suas vidas no Brasil”, diz em nota o chefe de missão da

Fundo oferece apoio financeiro para 20 ONGs na pandemia

R7 - Home - 30/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

Entidades receberão recursos do **Fundo Positivo** para conseguir manter pagamentos básicos, como água, luz e aluguel

Neste mês de março, o **Fundo Positivo** repassou cerca de R\$ 1 milhão para 20 ONGS (organizações não-governamentais) para ajudar as instituições a se manter durante este delicado momento de enfrentamento da pandemia de covid-19. As ONGs podem contar com essa ajuda para ultrapassar as dificuldades financeiras de manutenção básica das sedes por mais alguns meses e manter os pagamentos das despesas fixas.

O **Fundo Positivo** financia mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil e recebe apoio de diversas fundações, além de doações corporativas.

Neste ano, a preocupação com a pandemia se acentuou e a rede de apoiados poderia ser impactada. “Muitas organizações iam rever se continuariam trabalhando, muitas delas levam serviços para diversas comunidades, desde população em favelas, em situação de rua e pessoas que convivem com HIV/Aids”, conta **Harley**

coordenador geral do **Fundo Positivo**.

Então, o **Fundo Positivo** lançou o Apoio Financeiro Emergencial para gastos administrativos variados, como folha de pagamento, aluguel, contas de água, luz, telefone e internet.

Manutenção básica

Cada uma das 20 ONGs selecionadas recebe cerca de R\$ 40 mil, valor que permitirá que elas se mantenham firmes e atuantes pelo menos por mais alguns meses.

“As ONGs acabam obtendo verbas para financiar projetos e atividades, mas não para custear a sede. Com este Apoio Financeiro Emergencial, o **Fundo Positivo** quer que as entidades fiquem des preocupadas com essas despesas, ganhem fôlego e, assim, consigam manter o seu funcionamento”, detalha Harley.

As 20 entidades que receberam o apoio financeiro emergencial ficam em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, dentre outros.



(Foto:)

Fundo oferece apoio financeiro para 20 ONGs na pandemia

Times Brasília - Home - 30/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

Entidades receberão recursos do Fundo Positivo para conseguir manter pagamentos básicos, como água, luz e aluguel

Neste mês de março, o Fundo Positivo repassou cerca de R\$ 1 milhão para 20 ONGS (organizações não-governamentais) para ajudar as instituições a se manter durante este delicado momento de enfrentamento da pandemia de covid-19. As ONGs podem contar com essa ajuda para ultrapassar as dificuldades financeiras de manutenção básica das sedes por mais alguns meses e manter os pagamentos das despesas fixas.

O Fundo Positivo financia mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil e recebe apoio de diversas fundações, além de doações corporativas.

Neste ano, a preocupação com a pandemia se acentuou e a rede de apoiados poderia ser impactada. “Muitas organizações iam rever se continuariam trabalhando, muitas delas levam serviços para diversas comunidades, desde população em favelas, em situação de rua e pessoas que convivem com HIV/Aids”, conta Harley Henriques, coordenador geral do Fundo Positivo.

Então, o Fundo Positivo lançou o Apoio Financeiro Emergencial para gastos administrativos variados, como folha de pagamento, aluguel, contas de água, luz, telefone e internet.

Manutenção básica

Cada uma das 20 ONGs selecionadas recebe cerca de R\$ 40 mil, valor que permitirá que elas se mantenham firmes e atuantes pelo menos por mais alguns meses.

“As ONGs acabam obtendo verbas para financiar projetos e atividades, mas não para custear a sede. Com este Apoio Financeiro Emergencial, o Fundo Positivo quer que as entidades fiquem despreocupadas com essas despesas, ganhem fôlego e, assim, consigam manter o seu funcionamento”, detalha Harley.

As 20 entidades que receberam o apoio financeiro emergencial ficam em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, dentre outros.

The post Fundo oferece apoio financeiro para 20 ONGs na pandemia first appeared on Times Brasília.

Fundo Positivo lança Apoio Financeiro Emergencial para 20 ONGs não fecharem as portas na pandemia de Covid-19

Dois Terços - Home - 24/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

Com o objetivo de oferecer um apoio financeiro de forma emergencial para que entidades filantrópicas mantenham em dia folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, o **Fundo Positivo** vai repassar cerca de R\$ 1 milhão para 20 organizações não governamentais neste mês de março. Enquanto não há perspectiva de quando a pandemia vai acabar e trazer o mundo de volta à normalidade, as ONGs podem contar com essa ajuda para atravessar mais alguns meses e custear essas despesas fixas de suas sedes.

O **Fundo Positivo** é uma organização que financia que ao longo de 6 anos mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil e que atendem uma ampla população. O **Fundo Positivo** é amplamente apoiado por fundações e doações corporativas, como a Gilead, que apoiou essa iniciativa inédita.

Em 2020, com a pandemia causada pelo novo coronavírus, o impacto nos projetos com HIV/Aids, LGBT, mulheres, com movimentos negros e também de população trans foi significativo e fez com que o **Fundo Positivo** financiasse projetos de COVID-19. No entanto, neste ano, a preocupação se acentuou ao perceber que a rede de apoiados era impactada, a ponto de ter sua missão organizacional ameaçada pela falta de recursos. Este apoio emergencial não exclui o lançamento do seu edital previsto para maio deste ano.

“Muitas organizações iam rever se continuariam trabalhando, muitas delas levam serviços para diversas comunidades, desde população em favelas, em situação de rua e pessoas que convivem com HIV/Aids”, conta **Harley Henriques**, coordenador geral do **Fundo Positivo**.

O **Fundo Positivo** lançou o Apoio Financeiro Emergencial para gastos administrativos, como folha de pagamento, aluguel, contas de consumo como água, luz, telefone e internet. Cada uma das 20 ONGs receberá cerca de 40 mil reais. Esse tipo de recurso, para despesas rotineiras a fim de manter a sede administrativa, explica **Harley Henriques**, é mais difícil de uma instituição conseguir obter.

“As ONGs acabam obtendo verbas para financiar projetos e atividades, mas não para custear a sede. Com este Apoio Financeiro Emergencial, o **Fundo Positivo** quer que as entidades fiquem despreocupadas com essas despesas, ganhem fôlego e, assim, consigam manter o seu funcionamento”, detalha **Henriques**.

Da rede de apoiadas, 20 foram selecionadas para receber o Apoio Emergencial de R\$ 40 mil. Entre os critérios utilizados para selecionar as organizações estão estar em dia com a prestação de contas de projetos financiados. Destas 20, 18 foram selecionadas pelo **Fundo Positivo** e duas através de carta-convite, pela excepcionalidade do trabalho, como os projetos do Padre Júlio Lancelotti e a médica infectologista Marinella Della Negra.

As entidades ficam em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, dentre outros

Após 180 dias do recebimento do recurso, as ONGs deverão prestar contas.

Alicerce e sobrevivência

Para o padre Júlio Lancelotti, uma das referências na defesa dos direitos humanos que comanda a Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, que faz 30 mil atendimentos mês a moradores em situação de rua na cidade de São Paulo, o auxílio vem em boa hora. “Essa ajuda do **Fundo Positivo** garante a sobrevivência do nosso trabalho, uma importância vital porque nesse tempo de tantas dificuldades são poucos os apoios que a gente recebe. É muito positivo esse gesto”, afirma Lancelotti.

Na percepção de Deborah Sabará, que preside a Associação Gold, de Vitória (ES), o auxílio será um alicerce. A associação, que desenvolve projetos sociais a partir das perspectivas de direitos humanos, contratou um funcionário para captar recursos para geração de outros projetos. “O auxílio do **Fundo Positivo** é como se fosse um alicerce, que segura a instituição para sobreviver e continuar os seus projetos”, pontua a presidente da Gold.

Márcio Villard, coordenador geral do Grupo Pela Vidda, do Rio de Janeiro, alerta que algumas ações da entidade foram comprometidas em 2020, mas que para 2021, o auxílio traz esperança para manter o local em funcionamento. “Esse auxílio do **Fundo Positivo** vem numa hora muito importante. Ao manter a entidade, conseguimos dar prosseguimento a algumas atividades essenciais, como apoios psicológico e jurídico à população com HIV/Aids e também ações educativas de prevenção. Uma oportunidade de não parar as atividades”, detalha Vilar.

Segundo Alessandra Nilo, coordenadora da Gestos, organização de Recife (PE) que também trabalha com promoção dos direitos humanos das pessoas que vivem com HIV/AIDS, a iniciativa é bastante original para os tempos atuais, bem-vindo e necessário. “Esta intervenção do **Fundo Positivo** representa uma parceria solidária para a garantia de manutenção da nossa sede por alguns meses e do pagamento de salários de pessoas que executam funções importantes para o funcionamento, por seis meses”, diz Alessandra.

Para a médica infectologista Marinella Della Negra, fundadora da Associação de Auxílio à Criança e Adolescente Portador de HIV, que presta acolhimento e financia faculdade de um grupo de adolescentes que vivem com HIV em São Paulo, o auxílio traz um alento. “Neste cenário de pandemia de Covid-19, as situações sócio-econômicas são difíceis. Logo, o auxílio financeiro emergencial do **Fundo Positivo** nos garante as condições básicas de funcionamento e, assim, utilizar os demais recursos para manter esses jovens na faculdade”, conta Marinella. Médica efetiva do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, de São Paulo, Marinella trabalha com crianças que vivem com HIV desde 1985.

Fundo Positivo lança apoio para 20 ONGs não fecharem as portas

Canal Executivo Blog - Home - 19/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

Com o objetivo de oferecer um apoio financeiro de forma emergencial para que entidades filantrópicas mantenham em dia folha de pagamento, aluguel, contas de água e luz, o **Fundo Positivo** vai repassar cerca de R\$ 1 milhão para 20 organizações não governamentais neste mês de março. Enquanto não há perspectiva de quando a pandemia vai acabar e trazer o mundo de volta à normalidade, as ONGs podem contar com essa ajuda para atravessar mais alguns meses e custear essas despesas fixas de suas sedes.

O **Fundo Positivo** é uma organização que financia que ao longo de 6 anos mais de 120 organizações sem fins lucrativos em todo o Brasil e que atendem uma ampla população. O **Fundo Positivo** é amplamente apoiado por fundações e doações corporativas, como a Gilead, que apoiou essa iniciativa inédita.

Em 2020, com a pandemia causada pelo novo coronavírus, o impacto nos projetos com HIV/Aids, LGBT, mulheres, com movimentos negros e também de população trans foi significativo e fez com que o **Fundo Positivo** financiasse projetos de COVID-19. No entanto, neste ano, a preocupação se acentuou ao perceber que a rede de apoiados era impactada, a ponto de ter sua missão organizacional ameaçada pela falta de recursos. Este apoio emergencial não exclui o lançamento do seu edital previsto para maio deste ano.

“Muitas organizações iam rever se continuariam trabalhando, muitas delas levam serviços para diversas comunidades, desde população em favelas, em situação de rua e pessoas que convivem com HIV/Aids”, conta **Harley Henriques**, coordenador geral do **Fundo Positivo**.

O **Fundo Positivo** lançou o Apoio Financeiro Emergencial para gastos administrativos, como folha de pagamento, aluguel, contas de consumo como água, luz, telefone e internet. Cada uma das 20 ONGs receberá cerca de 40 mil reais. Esse tipo de recurso, para despesas rotineiras a fim de manter a sede administrativa, explica **Harley Henriques**, é mais difícil de uma instituição conseguir obter.

“As ONGs acabam obtendo verbas para financiar projetos e atividades, mas não para custear a sede. Com este Apoio Financeiro Emergencial, o **Fundo Positivo** quer que as entidades fiquem despreocupadas com essas despesas, ganhem fôlego e, assim, consigam manter o seu funcionamento”, detalha **Henriques**.

Da rede de apoiadas, 20 foram selecionadas para receber o Apoio Emergencial de R\$ 40 mil. Entre os critérios utilizados para selecionar as organizações estão estar em dia com a prestação de contas de projetos financiados. Destas 20, 18 foram selecionadas pelo **Fundo Positivo** e duas através de carta-convite, pela excepcionalidade do trabalho, como os projetos do Padre Júlio Lancelotti e a médica infectologista Marinella Della Negra.

As entidades ficam em estados como São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, dentre outros

Após 180 dias do recebimento do recurso, as ONGs deverão prestar contas.

Alicerce e sobrevivência

Para o padre Júlio Lancelotti, uma das referências na defesa dos direitos humanos que comanda a Pastoral do Povo de Rua da Arquidiocese de São Paulo, que faz 30 mil atendimentos mês a moradores em situação de rua na cidade de São Paulo, o auxílio vem em boa hora. “Essa ajuda do **Fundo Positivo** garante a sobrevivência do nosso trabalho, uma importância vital porque nesse tempo de tantas dificuldades são poucos os apoios que a gente recebe. É muito positivo esse gesto”, afirma Lancelotti.

Na percepção de Deborah Sabará, que preside a Associação Gold, de Vitória (ES), o auxílio será um alicerce. A associação, que desenvolve projetos sociais a partir das perspectivas de direitos humanos, contratou um funcionário para captar recursos para geração de outros projetos. “O auxílio do **Fundo Positivo** é como se fosse um alicerce, que segura a instituição para sobreviver e continuar os seus projetos”, pontua a presidente da Gold.

Márcio Villard, coordenador geral do Grupo Pela Vidda, do Rio de Janeiro, alerta que algumas ações da entidade foram comprometidas em 2020, mas que para 2021, o auxílio traz esperança para manter o local em funcionamento. “Esse auxílio do **Fundo Positivo** vem numa hora muito importante. Ao manter a entidade, conseguimos dar prosseguimento a algumas atividades essenciais, como apoios psicológico e jurídico à população com HIV/Aids e também ações educativas de prevenção. Uma oportunidade de não parar as atividades”, detalha Vilar.

Segundo Alessandra Nilo, coordenadora da Gestos, organização de Recife (PE) que também trabalha com promoção dos direitos humanos das pessoas que vivem com HIV/AIDS, a iniciativa é bastante original para os tempos atuais, bem-vindo e necessário. “Esta intervenção do **Fundo Positivo** representa uma parceria solidária para a garantia de manutenção da nossa sede por alguns meses e do pagamento de salários de pessoas que executam funções importantes para o funcionamento, por seis meses”, diz Alessandra.

Para a médica infectologista Marinella Della Negra, fundadora da Associação de Auxílio à Criança e Adolescente Portador de HIV, que presta acolhimento e financia faculdade de um grupo de adolescentes que vivem com HIV em São Paulo, o auxílio traz um alento. “Neste cenário de pandemia de Covid-19, as situações sócio-econômicas são difíceis. Logo, o auxílio financeiro emergencial do **Fundo Positivo** nos garante as condições básicas de funcionamento e, assim, utilizar os demais recursos para manter esses jovens na faculdade”, conta Marinella. Médica efetiva do Instituto de Infectologia Emílio Ribas, de São Paulo, Marinella trabalha com crianças que vivem com HIV desde 1985.

Fundo Positivo repassa R\$ 1 milhão a 20 ONGs em meio à pandemia

O Globo - Blogs - Pense Grande - 11/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

O **Fundo Positivo**, entidade que financia ONGs no Brasil, vai repassar cerca de R\$ 1 milhão para 20 delas. É fruto de doação da farmacêutica Gilead. No Rio, uma das beneficiadas é o Grupo Pela Vidda, que apoia pessoas com Aids, e vai capacitar 30 pessoas para ingressarem no mercado de trabalho.

Uma das aulas será empreendedorismo, com noções de como abrir um negócio. O Grupo Conexão G de Cidadania, que atende a comunidade da Maré, também receberá parte dos recursos.



(Foto:)

Por causa da pandemia, profissionais do sexo só dão de costas e não aceitam beijo na boca

Ouro Preto Online - Home - 25/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43, e a maranhense Luza Maria, 49, se constituem 1 há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para comer. Com a pandemia do novo coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem qualquer outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto!

“As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda”, diz Maria Elias, que vive em Belém ¶.

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém ¶, onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de “as garotas que trabalham de costas”.

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. “Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar”, fala. “Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente.”

“Sexo de costas é melhor do que nada”

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém ¶ por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

“Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão”, fala.

“Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível”, diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. “Ou é isso ou passa fome”, conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. “Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico”, diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. “Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer.”

Por causa da pandemia, raparigas só dão de costas e não aceitam beijo na boca

Blog do Tião Lucena - Home - 25/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

A paraense Maria Elias é presidente do Coletivo Coisa de Puta +

Imagem: Arquivo pessoal

“As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda”, diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de “as garotas que trabalham de costas”.

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. “Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar”, fala. “Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente.”

“Sexo de costas é melhor do que nada”

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequelas, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário”, diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

“Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão”, fala.

“Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível”, diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. “Ou é isso ou passa fome”, conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. “Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico”, diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. “Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer

The post Por causa da pandemia, raparigas só dão de costas e não aceitam beijo na boca first appeared on Blog do Tião Lucena.



(Foto:)



(Foto:)

Prostitutas criam regras para trabalhar durante a pandemia

Conexão Amazônica - Home - 28/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

Conexão Amazônica

elayne 0 comentários pandemia , prostitutas , regras , trabalhar

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de P*t* , que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

“As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda”, diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de “as garotas que trabalham de costas”.

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de P*ta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. “Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar”, fala. “Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente.”

“De costas é melhor do que nada”Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário”, diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não ter relações, na sua avaliação, não reduz o dano.

“Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão”, fala.

“Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível”, diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programaMesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. “Ou é isso ou passa fome”, conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. “Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico”, diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. “Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer.”

Com informações do site: uol

Compartilhe isso:

PROSTITUTAS DE BELÉM PARTILHAM CELULARES PARA SEXO VIRTUAL NA PANDEMIA

Época - Home - 20/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

Nas proximidades da Praça da República, pelas ruas que compõem a conhecida zona do meretrício de Belém, algumas prostitutas batem ponto em horários alternativos diante do toque de recolher no estado e do lockdown em vigor desde segunda-feira (15) na capital paraense e em outras quatro cidades da Região Metropolitana. Com bares e casas noturnas fechados, a procura por programas, que já estava reduzida, despencou. Um grupo de profissionais do sexo, no entanto, formou uma rede de apoio para migrar os encontros presenciais para o virtual.

Sob liderança do coletivo "Coisa de Puta +", prostitutas compartilham celulares e notebooks para realizar programas online. A iniciativa promove treinamentos sobre como se comportar perante a tela e o que devem vestir - ou não. O intuito é se adaptar às novas exigências dos clientes em meio à falta de contato.

Embora o movimento tenha começado no início da pandemia, quando o estado impôs medidas de contenção à Covid-19 no ano passado, o modelo se tornou ainda mais necessário com o recrudescimento de casos e mortes em decorrência da doença em todo o país, que vive sua fase mais crítica. No Pará, foram contabilizados mais de 390 mil infectados e 9,6 mil óbitos, segundo boletim divulgado pela secretaria estadual de saúde (Sespa) nesta quarta-feira (17).

Desde março de 2020, boa parte das prostitutas passou a carregar em suas bolsas não só preservativos e brinquedos sexuais, mas também álcool em gel e máscaras. Sem beijos e abraços, reformularam os programas presenciais, ainda que especialistas apontem que as chances de contágio existem mesmo com o contato extinto. Para aquelas de idade mais avançada ou portadoras de comorbidades seria ainda mais arriscado. Até o momento, ao menos 10 profissionais do sexo morreram por Covid-19 em Belém, segundo relatos da própria categoria.

"Além de menos contatos, beijos e abraços, a gente começou a ter posicionamentos sobre as posições sexuais, passamos a nos virar de costas. A gente falava que tinha a linha de frente da pandemia, mas estava ganhando nosso dinheiro com essa 'guarda de costas', não falando muito", disse Maria Elias Silveira, sócia-fundadora do coletivo Coisa de Puta +. "Quando percebemos que algumas colegas tinham dificuldade de trabalhar presencialmente em virtude da idade, do deslocamento, a gente começou a migrar para o trabalho sexual online".

Maria Elias Silveira, sócia-fundadora do coletivo Coisa de Puta + Foto: Arquivo pessoal

Os programas então passaram a ser feitos por chamadas de vídeo no WhatsApp ou em salas virtuais, onde o cliente pode ver todas as profissionais e escolher a que mais lhe agrada. Como nem todas dispunham de aparelhos com câmeras de boa resolução ou acesso à internet, o coletivo conseguiu cinco aparelhos e um notebook para dividir entre elas. A organização conta com cerca de 150 prostitutas cadastradas, mas 22 participam efetivamente de suas ações.

A nova modalidade ajudou que trabalhadoras sexuais pagassem suas contas e não passassem fome, apesar de o faturamento ter caído significativamente e muitas não terem recebido o auxílio emergencial do governo. Segundo Silveira, que exerce a profissão há 25 anos, em dias movimentados algumas chegavam a embolsar mais de R\$ 2 mil. Agora, a média gira em torno de R\$ 200 a R\$ 300, levando em conta que o preço do programa caiu mais da metade por ser a distância.

"Os programas virtuais foram o que me fizeram poder custear as minhas necessidades, como alimentação, até em virtude da minha idade. Tem pessoas que necessitam. Hoje sei que é necessário fazer trabalho sexual, mas também é preciso adotar os protocolos de proteção. Querendo ou não, temos que fazer um ou outro programa presencial. Não como antes, mas ainda existe essa necessidade", disse a profissional do sexo Cris Flor, de 55 anos. "Não é do mesmo jeito, corpo a corpo, mas é um jeito digno de ganhar dinheiro e garantir meu sustento", emendou.

Oficina promovida pelo coletivo debateu aborto legal e transversalidade HIV/Aids Foto: Reprodução

O coletivo recebeu orientação da Articulação Nacional de Profissionais do Sexo para aprimorar os programas virtuais. Também começou a ensinar às mulheres como deveriam agir na nova situação. Entre a clientela, há quem busque prostitutas que conheçam ao menos o básico de outro idioma e saibam conversar.

"A gente presta atenção em que fantasia o cliente queria ter, e começamos a fazer essa reflexão do que íamos falar, vestir, usar. A imaginação sobre a mulher do Norte é de traços indígenas, mas a gente já mostra que não, que somos diversas. Eu, por exemplo, sou como uma sereia (risos)", brinca Silveira. "Ninguém vai querer fazer programa com alguém que só apareça na câmera, fale 'oi' e mostre seu corpo, mas com uma garota que tem boa conversa, conheça homens de outros países e até fala outra língua".

Apesar deste mercado emergente, existem as que cumprem jornada dupla e seguem nas ruas da chamada zona, também apelidada de Quadrilátero do Amor, em busca de uma renda melhor. Como a maioria não tem outro emprego, em alguns casos, apelam aos eventos clandestinos.

"Fecham os locais mais visíveis, mas ficam os clandestinos. Sempre vai ter um lugar para a pessoa marcar, isso é inevitável", conta Silveira. "A pessoa aguenta até segurar a fome, mas não aguenta ficar sem trepar".

Coletivo promove ações de conscientização e fornece amparo a portadoras de Aids Foto: Reprodução

Prestes a completar três anos, o coletivo Coisa de Puta + sobrevive graças a doações de prostitutas e a uma parceria com o Grupo de Apoio e Solidariedade (GAS), que subsidia desde o espaço físico a insumos de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis. A organização tem um histórico de atuação relacionada a portadoras do vírus da Aids no Pará.

Esse amparo às mulheres com HIV foi um dos fatores que motivou o **Fundo Positivo**, uma organização que financia há seis anos diversas organizações sem fins lucrativos espalhadas pelo Brasil, a selecionar o coletivo como um dos beneficiários de um apoio emergencial ofertado durante a pandemia. Cada uma das 20 ONGs escolhidas receberá R\$ 40 mil.

"A pandemia expôs ainda mais a vulnerabilidade de muitos grupos. Muitas organizações iam rever a continuidade das suas atividades. E boa parte leva serviços para moradores de comunidades, população em situação de rua, pessoas que convivem com HIV/Aids. Por isso, essa ajuda emergencial se faz tão oportuna", disse **Harley Henriques**, coordenador-geral do **Fundo Positivo**.

Prostitutas de Belém partilham celulares para sexo virtual na pandemia

Agência de Notícias da AIDS - Home - 21/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

Maria Elias Silveira, sócia-fundadora do coletivo Coisa de Puta + Foto: Arquivo pessoal

Nas proximidades da Praça da República, pelas ruas que compõem a conhecida zona do meretrício de Belém, algumas prostitutas batem ponto em horários alternativos diante do toque de recolher no estado e do lockdown em vigor desde segunda-feira (15) na capital paraense e em outras quatro cidades da Região Metropolitana. Com bares e casas noturnas fechados, a procura por programas, que já estava reduzida, despencou. Um grupo de profissionais do sexo, no entanto, formou uma rede de apoio para migrar os encontros presenciais para o virtual.

Sob liderança do coletivo “Coisa de Puta +”, prostitutas compartilham celulares e notebooks para realizar programas online. A iniciativa promove treinamentos sobre como se comportar perante a tela e o que devem vestir – ou não. O intuito é se adaptar às novas exigências dos clientes em meio à falta de contato.

Embora o movimento tenha começado no início da pandemia, quando o estado impôs medidas de contenção à Covid-19 no ano passado, o modelo se tornou ainda mais necessário com o recrudescimento de casos e mortes em decorrência da doença em todo o país, que vive sua fase mais crítica. No Pará, foram contabilizados mais de 390 mil infectados e 9,6 mil óbitos, segundo boletim divulgado pela secretaria estadual de saúde (Sespa) na quarta-feira (17).

Desde março de 2020, boa parte das prostitutas passou a carregar em suas bolsas não só preservativos e brinquedos sexuais, mas também álcool em gel e máscaras. Sem beijos e abraços, reformularam os programas presenciais, ainda que especialistas apontem que as chances de contágio existem mesmo com o contato extinto. Para aquelas de idade mais avançada ou portadoras de comorbidades seria ainda mais arriscado. Até o momento, ao menos 10 profissionais do sexo morreram por Covid-19 em Belém, segundo relatos da própria categoria.

“Além de menos contatos, beijos e abraços, a gente começou a ter posicionamentos sobre as posições sexuais, passamos a nos virar de costas. A gente falava que tinha a linha de frente da pandemia, mas estava ganhando nosso dinheiro com essa ‘guarda de costas’, não falando muito”, disse Maria Elias Silveira, sócia-fundadora do coletivo Coisa de Puta +. “Quando percebemos que algumas colegas tinham dificuldade de trabalhar presencialmente em virtude da idade, do deslocamento, a gente começou a migrar para o trabalho sexual online”.

Os programas então passaram a ser feitos por chamadas de vídeo no WhatsApp ou em salas virtuais, onde o cliente pode ver todas as profissionais e escolher a que mais lhe agrada. Como nem todas dispunham de aparelhos com câmeras de boa resolução ou acesso à internet, o coletivo conseguiu cinco aparelhos e um notebook para dividir entre elas. A organização conta com cerca de 150 prostitutas cadastradas, mas 22 participam efetivamente de suas ações.

A nova modalidade ajudou que trabalhadoras sexuais pagassem suas contas e não passassem fome, apesar de o faturamento ter caído significativamente e muitas não terem recebido o auxílio emergencial do governo. Segundo Silveira, que exerce a profissão há 25 anos, em dias movimentados algumas chegavam a embolsar mais de R\$ 2 mil. Agora, a média gira em torno de R\$ 200 a R\$ 300, levando em conta que o preço do programa caiu mais da metade por ser a distância.

“Os programas virtuais foram o que me fizeram poder custear as minhas necessidades, como alimentação, até em virtude da minha idade. Tem pessoas que necessitam. Hoje sei que é necessário fazer trabalho sexual, mas também é preciso adotar os protocolos de proteção. Querendo ou não, temos que fazer um ou outro programa presencial. Não como antes, mas ainda existe essa necessidade”, disse a profissional do sexo Cris Flor, de 55 anos. “Não é do mesmo jeito, corpo a corpo, mas é um jeito digno de ganhar dinheiro e garantir meu sustento”, emendou.

O coletivo recebeu orientação da Articulação Nacional de Profissionais do Sexo para aprimorar os programas virtuais. Também começou a ensinar às mulheres como deveriam agir na nova situação. Entre a clientela, há quem busque prostitutas que conheçam ao menos o básico de outro idioma e saibam conversar.

“A gente presta atenção em que fantasia o cliente queria ter, e começamos a fazer essa reflexão do que íamos falar, vestir, usar. A imaginação sobre a mulher do Norte é de traços indígenas, mas a gente já mostra que não, que somos diversas. Eu, por exemplo, sou como uma sereia (risos)”, brinca Silveira. “Ninguém vai querer fazer programa com alguém que só apareça na câmera, fale ‘oi’ e mostre seu corpo, mas com uma garota que tem boa conversa, conheça homens de outros países e até fala outra língua”.

Apesar deste mercado emergente, existem as que cumprem jornada dupla e seguem nas ruas da chamada zona, também apelidada de Quadrilátero do Amor, em busca de uma renda melhor. Como a maioria não tem outro emprego, em alguns casos, apelam aos eventos clandestinos.

“Fecham os locais mais visíveis, mas ficam os clandestinos. Sempre vai ter um lugar para a pessoa marcar, isso é inevitável”, conta Silveira. “A pessoa aguenta até segurar a fome, mas não aguenta ficar sem trepar”.

Prestes a completar três anos, o coletivo Coisa de Puta + sobrevive graças a doações de prostitutas e a uma parceria com o Grupo de Apoio e Solidariedade (GAS), que subsidia desde o espaço físico a insumos de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis. A organização tem um histórico de atuação relacionada a portadoras do vírus da Aids no Pará.

Esse amparo às mulheres com HIV foi um dos fatores que motivou o **Fundo Positivo**, uma organização que financia há seis anos diversas organizações sem fins lucrativos espalhadas pelo Brasil, a selecionar o coletivo como um dos beneficiários de um apoio emergencial ofertado durante a pandemia. Cada uma das 20 ONGs escolhidas receberá R\$ 40 mil.

“A pandemia expôs ainda mais a vulnerabilidade de muitos grupos. Muitas organizações iam rever a continuidade das suas atividades. E boa parte leva serviços para moradores de comunidades, população em situação de rua, pessoas que convivem com HIV/aids. Por isso, essa ajuda emergencial se faz tão oportuna”, disse **Harley Henriques**, coordenador-geral do **Fundo Positivo**.

Fonte: Revista Época

Sem beijo e de máscara, prostitutas criam regras para trabalhar durante a pandemia. VEJA

Portal do Antonio Zacarias - Home - 28/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem.

Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de P*t* , que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19.

Monumentos pelo mundo ficam às escuras para a Hora do Planeta. VEJA FOTOS

Vulcão islandês pode ficar em erupção por anos e virar atração turística. VEJA FOTOS

A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato.

Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

“As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda”, diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de “as garotas que trabalham de costas”.

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de P*ta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. “Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar”, fala.

“Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente.”

“De costas é melhor do que nada”Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200).

Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário”, diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não ter relações, na sua avaliação, não reduz o dano.

“Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão”, fala.

“Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível”, diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programaMesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. “Ou é isso ou passa fome”, conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses.

“Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico”, diz **Henriques**.

Curtiu? Siga o PORTAL DO ZACARIAS no Facebook, Twitter e no Instagram

Entre no nosso Grupo de WhatsApp.

Fotos: Reprodução

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. “Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer.”

Fonte: Uol

Sem beijo e de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

Já é Notícia - Home - 25/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

"As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas".

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente."

"Sexo de costas é melhor do que nada"

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

"Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão", fala.

"Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível", diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer."

Tags:

brasil

covid-19

prostituição

rendimentos

Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

Blog do Alderi - Home - 25/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

"As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas".

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente."

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. As trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas mulheres, o Fundo Positivo (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas Harley Henriques,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz Henriques.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer."



(Foto:)

Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

RO notícias - Home - 25/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para comer. Com a pandemia do novo coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem qualquer outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem. Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança. Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto! "As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA). O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas". Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia. A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente." "Sexo de costas é melhor do que nada" Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara. Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequelas, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza. Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano. "Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão", fala. "Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível", diz o infectologista. Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar. Para ajudar essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade. Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz **Henriques**. Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer." Fonte: UOL

Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

Portal Norte da Ilha - Home - 25/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

A paraense Maria Elias é presidente do Coletivo Coisa de Puta +Imagem: Arquivo pessoal

"As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas".

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente."

"Sexo de costas é melhor do que nada"

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

"Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão", fala.

"Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível", diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer."

Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

Tony Show - Home - 26/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

A paraense Maria Elias é presidente do Coletivo Coisa de Puta +

Imagem: Arquivo pessoal

“As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda”, diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de “as garotas que trabalham de costas”.

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. “Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar”, fala. “Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente.”

“Sexo de costas é melhor do que nada”

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário”, diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

“Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão”, fala.

“Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível”, diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. “Ou é isso ou passa fome”, conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. “Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico”, diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. “Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer.”



(Foto:)

Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

Universa.uol - Direitos da mulher - 25/03/2021

Página: Online - **Canais:** Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para comer. Com a pandemia do novo coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem qualquer outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto!

"As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas".

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente."

"Sexo de costas é melhor do que nada"

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

"Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão", fala.

Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível", diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 40 mil que serão distribuídos a cerca 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer."



Maria Elias, presidente do Coletivo Coisa de Puta +, ajudou a criar protocolo de segurança para trabalhadoras sexuais (Foto: Imagem: Arquivo pessoal)



O cliente que não aceita que elas fiquem de costas é expulso do quarto (Foto: Imagem: iStock)

Universa | Prostitutas têm aceitado trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10: 'Ou é isso ou passa fome'

24 Brasil - Home - 25/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43 anos, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para se sustentarem. Com a pandemia do coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas durante o ato. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto, garantem elas.

A paraense Maria Elias é presidente do Coletivo Coisa de Puta +

Imagem: Arquivo pessoal

"As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas".

Mãe de dois filhos e avô de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente."

"Sexo de costas é melhor do que nada"

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

"Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão", fala.

"Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível", diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer."

Universa | Sem beijo, de máscara: prostitutas criam regras para trabalhar na pandemia

24 Brasil - Home - 25/03/2021

Página: Online - Canais: Fundo Positivo

A paraense Maria Elias, 43, e a maranhense Luza Maria, 49, se prostituem há mais de duas décadas e dependem desse trabalho para comer. Com a pandemia do novo coronavírus, elas e outras trabalhadoras sexuais viram o número de clientes diminuir — e o dinheiro sumir. Sem qualquer outra fonte de renda e sem poder fazer isolamento social, tiveram que voltar às ruas mesmo sabendo do alto risco de se infectarem.

Presidente do Coletivo Coisa de Puta +, que atua pelos direitos das trabalhadoras sexuais, Maria Elias conta que, em um ano, perdeu dez amigas de trabalho para a covid-19. A solução encontrada por ela, Luza e outras colegas para trabalhar com menos riscos de contrair o coronavírus, já que o distanciamento social é impossível no sexo, foi criar uma espécie de protocolo de segurança.

Ao kit de cuidados que carregam para evitar as ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), com camisinha e gel lubrificante, acrescentaram a máscara e passaram a sair de casa com até cinco peças de roupas para trocar após os programas. Além disso, estabeleceram regras para a relação sexual: os clientes não podem beijá-las e elas precisam ficar de costas. Quem se recusa a seguir o protocolo é posto para fora do quarto!

A paraense Maria Elias é presidente do Coletivo Coisa de Puta +

Imagem: Arquivo pessoal

"As pessoas da saúde são da linha de frente na batalha contra a covid-19. Nós somos da linha frente, de costas e de lado... Então pensamos em atuar apenas de costas, sem o rosto colado. Fizemos ainda um material sobre protocolo de higienização, incentivando as colegas a tomarem banhos com mais frequência e a levarem trocas de roupa e de peças íntimas. Nos viramos de cabeça para baixo para garantir essa renda", diz Maria Elias, que vive em Belém (PA).

O novo protocolo, conta, fez seu grupo ficar famoso na região onde atua em Belém (PA), onde ela e as colegas passaram a ser chamadas de "as garotas que trabalham de costas".

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, ela viu a renda mensal de R\$ 4.000 cair pela metade desde o início da pandemia. Por meio do Coletivo Coisa de Puta +, ela articulou com outras colegas estratégias para poderem trabalhar com mais segurança na pandemia.

A dificuldade maior, segundo ela, é convencer os clientes a seguirem o protocolo. "Antes, era difícil negociar o uso de preservativo, agora essa dificuldade dobrou ao tentar fazer o cliente usar máscara e não nos beijar", fala. "Já aconteceu de não aceitarem e tivemos que chamar um segurança do local onde estávamos trabalhando ou sair do quarto e desistir do programa. E fazendo isso ficamos só com a metade do pouco dinheiro que ganhamos hoje. Isso é rotineiro, infelizmente."

"Sexo de costas é melhor do que nada"

Luza Maria Silva trabalha há 33 anos com sexo. É assim que ela sustenta quatro filhos e quatro netos. Antes da pandemia, conseguia fechar o mês com dois salários mínimos (R\$ 2.200). Agora, para conseguir a metade dessa quantia, também adotou o sexo de costas para evitar a covid-19. Moradora de João Pessoa (PB), ela conta que enfrenta a mesma resistência que as colegas de Belém (PA) por parte dos clientes que não querem usar a máscara.

Muitas colegas pegaram a covid-19 e algumas ficaram com sequela, andam com falta de ar até hoje. Então os cuidados redobram. Se já tomávamos banho antes e depois, e obrigávamos também os clientes a fazerem o mesmo, agora aumentamos a quantidade. Os cliente que gostam de ficar mais tempo acham ruim tanto protocolo, mas sabemos que é necessário", diz Luza.

Especialista em prevenção e tratamento de HIV e ISTs pela USP (Universidade de São Paulo), o infectologista Rico Vasconcelos lembra que a covid-19 é transmitida por gotículas respiratórias e que, numa relação sexual, é muito difícil não haver essa troca. Mas falar para não fazer sexo, na sua avaliação, não reduz o dano.

"Enquanto só havia a estratégia de prevenção comportamental como usar a camisinha, o controle da disseminação do HIV no mundo foi muito ruim. Só quando começou a ter estratégia biomédica de prevenção, com remédios e PrEp (Profilaxia Pré-Exposição), o impacto foi enorme. Em tempos de covid-19, temos que recomendar o que temos na mão", fala.

"Procure não beijar, se possível, usar máscara durante a relação é melhor que não usar e fazer sexo em posições que não tenham contato próximo de vias aéreas é melhor. Não é uma garantia de que a pessoa estará 100% protegida, mas não podemos fazer o que fizemos no exemplo do HIV, quando a gente achou que ia ser possível dizer para as pessoas não transarem. Isso é impossível", diz o infectologista.

Com pandemia, cliente quer pagar R\$ 5 por programa

Mesmo cientes de todos os riscos que essas mulheres estão passando, e por causa dos protocolos de segurança adotados por elas, os clientes querem pagar menos pelo programa. Universa recebeu relatos de trabalhadoras de Guaíba (RS) que estão aceitando trabalhar por R\$ 5 ou R\$ 10 para comer. "Ou é isso ou passa fome", conta uma delas, que não quis se identificar.

Para ajudar essas essas mulheres, o **Fundo Positivo** (entidade sem fins lucrativos) criou uma verba emergencial para projetos voltados às trabalhadoras sexuais — entre eles, o liderado por Maria Elias. Criada há sete anos pelo administrador de empresas **Harley Henriques**,

a organização levanta recursos e os repassa, através de editais públicos, para ONGs que atuam com saúde sexual e reprodutiva e diversidade.

Com o avanço da pandemia, explica, as doações caíram muito. Ele então criou um fundo emergencial para conseguir ajudá-las a comprar materiais de higiene e EPIs (equipamento de proteção individual). O empresário arrecadou R\$ 1 milhão, pra distribuir a 20 ONGs num período de seis a oito meses. "Houve um impacto grande nas relações com a pandemia, e as trabalhadoras tiveram que repensar sua forma de atuar, criando novos códigos e técnicas que oferecem menos risco. A gente apoia as associações também para disseminar essas informações, além de ajudar no sustendo básico", diz **Henriques**.

Luza, que é presidente da Associação das Prostitutas da Paraíba (APROS-PB), complementa a renda com esse repasse. "Estou me virando com essa ajuda de custo, senão não ia ter o que comer."